

## PREÂMBULO

### ESTRANHOS EM NOSSO QUINTAL MIGRAÇÕES E CONVULSÕES SOCIAIS

O fenômeno das migrações, êxodos em massa de povos acompanham a humanidade desde tempos imemoriais, chegando à era moderna – dramas e tragédias hoje amplamente disseminados e estampados pela mídia, quando não às nossas portas.

Os motivos são muitos: guerras, perseguições políticas, religiosas ou étnicas às minorias, adversidades econômicas, catástrofes climáticas, conflitos tribais, banditismo (hoje principalmente do narcotráfico e de grupos terroristas radicais), miséria, ditaduras cruéis, levando milhões a buscarem asilo ou refúgio em países considerados “desenvolvidos” ou “mais seguros”.

Vivemos em um mundo cada vez mais desregulado, socialmente mutável, ambivalente e a chegada de refugiados provoca desconfiança, animosidade, tanto assim que organizações racistas e partidos políticos xenófobos vem crescendo assustadoramente na Europa e em outras partes do mundo. Líderes belicosos e chauvinistas surgem; muros e campos de refugiados são erguidos, relegando os sem-pátria e nômades ao ostracismo, os quais querem, tão somente, um novo lar, novas oportunidades de trabalho e educação. O isolamento, a alienação não resolverão a questão – serão algo provisório, porquanto os tempos são turbulentos, as torrentes avassaladoras, os ares convulsionados.

A ordem mundial acha-se em colapso. Tumbas, crateras que escancaram sua facies incontida. O grande fracasso dos parlamentos (parlar – falar, discutir, discorrer) e da justiça empavonada. Forças globais em ebulição, até então obscuras, intangíveis, desconhecidas nos batendo à porta e demonstrando a nossa endêmica fragilidade, a vulnerabilidade de nossas posições. Era de depressão e desajustes, na qual a onda de migrações é uma corrosiva realidade.

Governantes intolerantes e populistas buscam associar o migrante com o terrorismo, insegurança, conspiração, atemorizando seus cidadãos, insuflando medo, a estigmatização, o pânico, o ódio público a quem chega às fronteiras nacionais ou ousa adentrá-las. Tais líderes – tiranos em sua essência, sedutores, enganosos, populistas, senão fraudulentos, ainda que eleitos – buscam, num truque de mágica e de marketing, se portar, se legitimar como defensores da estabilidade, de uma pretensa segurança. Impossível manter uma identidade étnica ou nacional única, hoje, em tempos de globalização, de rápidas transformações socioeconômicas. Inúteis, pois, políticas belicosas, nacionalistas, portões fechados, cujas dobradiças, de muito, se acham corroídas.

A única solução para os problemas que afetam a todos é a solidariedade, o diálogo, o senso de corresponsabilidade, a mutualidade. Esforços de inclusão social, investimentos, integração, ao invés de repressão, omissão e até mesmo guerras contra grupos terroristas, muitos deles frutos de atozes políticas do colonialismo europeu e do capitalismo de usurpação.

Obras sugeridas e que deveriam ser lidas por todos quantos querem entender os complexos tempos atuais: \* “Estranhos à nossa porta” – Zygmunt Bauman, Zahar / \* “Nações e Nacionalismo desde 1780” Eric Hobsbawn

-----x-----

“A urbanização e a industrialização, sustentando-se como o fazem em movimentos maciços e multifários, na migração e no deslocamento de pessoas, solapa o pressuposto básico nacionalista de um território habitado essencialmente por uma população étnica, cultural e linguisticamente homogênea. A dura reação xenofóbica ou racista de população nativa nos países ou regiões receptoras do influxo maciço de “estranhos” tem sido, infelizmente, usual nos Estados Unidos desde a década de 1890 e na Europa Ocidental desde a de 1960. Mas xenofobia e racismo são sintomas, não remédios. Em sociedades modernas, comunidades e grupos étnicos estão fadados a coexistir, apesar da retórica que sonha com o retorno a uma nação sem misturas” (Eric Hobsbawn)

### Monsenhor Elói

São Tiago tem estreita, intensa e saudosa relação com religiosos que integraram a comunidade, transformaram a espiritualidade local e, ainda, exerceram papel de cidadania ativa. O Monsenhor Francisco Elói, pároco na cidade por mais de 50 anos, foi uma dessas personalidades. Em textos colaborativos desta edição, sua biografia e algumas histórias são revisitas.

*página 03*

### Mercês de Água Limpa

As origens da comunidade remontam ao século XIX, embora não haja documentos oficializando a fundação do arraial, à época. Sua instalação distrital há 58 anos, porém, é histórica. Carlita Coelho e Marcus Santiago escrevem sobre o assunto.

*página 12*



### Aplausos aos nossos professores

“Desde o início da Pandemia e das exigências para o distanciamento e isolamento social, necessários devido ao novo Coronavírus, inúmeros segmentos tiveram que ser interrompidos e outros modificados em seu funcionamento. Com a urgência da continuidade das atividades escolares, os setores da educação tiveram que se organizar e implementar maneiras para que o ensino não ficasse interrompido e, consequentemente, para que não houvesse um impacto maior no desenvolvimento escolar de crianças e jovens”.

*Pág. 16*

### Ensinos

“Certo homem capturou um passarinho em uma armadilha e, quando se aproximou, a ave lhe disse: ‘Você já comeu muitas vacas e carneiros em sua vida. Mesmo assim continua com fome. O pouquinho de carne que há em meus ossos também não irá satisfazê-lo. Se me deixar partir, eu lhe darei três sábios ensinamentos”.

*Pág. 20*

# ADIVINHAS

1- Meu avô tem quatro filhos.  
Cada filho tem quatros filhos.  
Quantos primos eu tenho?

2- O que fica molhado enquanto seca?

Respostas: 1) 12; 2) a toalha

## Provérbios e Adágios

- Tanto lá quanto cá as mesmas coisas há
- A verdade e o sol vêm do oriente (leste)
- Mulher casada é igual pólvora (Envolver-se com mulher casada é encrenca na certa)
- A espora é do peão, mas o cavalo é do patrão
- Perda e ganho não escolhem tamanho (Provérbio russo)

### Para refletir

#### Frases de Carlos Drummond de Andrade:

“A ideia de perfeição constitui uma imperfeição humana.”

“Arruma a casa todos os dias... Mas arruma de um jeito que lhe sobre tempo para viver nela.”

“Que a felicidade não dependa do tempo, nem da paisagem, nem da sorte, nem do dinheiro. Que ela possa vir com toda a simplicidade, de dentro para fora, de cada um para todos.”

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Davy Antonio Silva Reis

## AO PÉ DA FOGUEIRA A CIDADE TRANSFORMADA

Os filhos, em torno de quatro ou cinco, de há muito, tinham desertado da monótona e empobrecida cidade, buscando, para tanto, a sobrevivência na capital, onde trabalhavam, alguns deles assalariados, outros autônomos. Na terra natal, ficaram os pais lavradores, já em considerável idade, sep-tuagenários, entregues a duras dificuldades materiais, época em que ainda não havia o sistema de aposentadoria e a pobreza grassava entre as classes mais humildes.

Os filhos vinham periodicamente à cidade natal, a fim de visitar os genitores, atraindo a atenção geral. Os moços, altos, amorenados, “aciganados” apreciavam roupas com tecidos de cores fortes, calças largas e bufantes, camisas bordadas, botas de couro, adereços como cinturões, lenços, pulseiras, pingentes, exibindo-se ostensivamente pelas ruas, frequentando bailes e tertúlias, dados a paquerar moçoilas da cidade, para irritação dos pais zelosos; as filhas moças, igualmente de tez trigueira, fascinavam pela beleza e refinamento, sendo, porém, assaz discretas, recatadas, pouco dadas ao público quando na cidade. Falecendo a mãe, o velho desassistido e já com sinais evidentes do Mal de Alzheimer, decidem os filhos levá-lo para a capital. Residindo no bairro Eldorado – na cidade de Contagem – trabalhavam quase todos em Belo Horizonte, ficando o pai sob os cuidados e vigilância de uma das filhas, que se vira forçada, para tanto, a desligar-se do emprego. O velho esclerótico, impaciente, só falando, tempo todo, em voltar à sua casinha no interior.

Certo dia, burlando a supervisão da filha, questão de um minuto, o velho ganha a rua, sovertendo-se em meio à multidão de pessoas e veículos. Dado o alerta, torna-se inútil a procura pela rua e vizinhança. São R. simplesmente evaporara. Ninguém pelas redondezas o vira ou notara algo estranho. A família e amigos se mobilizam. São feitos contatos com delegacias de polícia, empresas de ônibus, taxistas, hospitais, IML, até funerárias. Passam-se horas, dias. O grande medo é que ele caísse em algum bueiro, ribanceira ou mesmo em algum riacho da região. Era período de chuvas e os córregos transbordavam facilmente. Ou vítima de algum marginal desalmado, como tantos que infestam e demonizam os centros maiores. São providenciados cartazes com foto do desaparecido afixados pelo bairro. Todas as informações sobre desconhecidos são checadas pela família. Visitas e telefonemas diários para todos os lugares onde poderia aparecer algum estranho, incluindo albergues, rádios, moradores de rua, instituições religiosas e voluntários que prestavam assistência a pessoas desalojadas. Ligações para o interior, pois quem sabe, conseguira de algum modo chegar até a antiga residência. Em vão. Transtornos, angústia para todos...

Até que pelo 14º, 15º dia, uma notícia auspiciosa. São R.. fora localizado na área hospitalar de Belo Horizonte, bairro Santa Efigênia, vagando pelas ruas e praças. Reencontrando os filhos, já em casa, visivelmente magro, confuso, o pai narra-lhes, entre eufórico e indignado, como retornara à sua terra natal, ali permanecendo vários dias, sendo, contudo, maltratado, não reconhecido por praticamente ninguém, povo desumano, afirmava São R., que lhe tinha negado um prato de comida ou um teto; a cidadezinha tornara-se, de uma hora para outra, populosa, moradores maus, cheia de veículos e sujeira... Dando uma pausa, por instantes, em sua complexa narrativa, pediu atenção especial aos filhos:

- O pior de tudo, vocês precisam ver: colocaram um córrego fedorento dentro da cidade...

(Decerto o ribeirão Arrudas que atravessa grande parte da capital mineira e que à época corria inteiramente a céu aberto).



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



# COVID 19 – uma sindemia e não apenas uma pandemia passageira – cientistas alertam



O médico antropólogo americano Merrill Singer na década de 1990 criou o termo “sindemia, (neologismo formado por “sinergia” mais “pandemia” no sentido de que “duas ou mais doenças interagem de tal forma que causam danos maiores do que mera soma dessas forças”).

Assim – alerta o Dr. Richard Horton, editor chefe da conceituada revista científica “The Lancet”, a COVID 19 causada pelo vírus Sar’s.Cov2 conjugado com outras doenças patogênicas, tuberculose, DST, diabetes, problemas cardíacos, obesidade, interagindo em um mesmo contexto ambiental e desigualdade social, propicia uma comorbidade consistente senão permanente, ou seja, o Covid-19 interage com uma variedade de doentes em condições sociais desfavorecidas (baixa renda, minorias étnicas, como insegurança alimentar, práticas sanitárias e higiênicas deficientes por falta de saneamento básico). Em síntese, segundo o Dr. Horton – que realizou intensas pesquisas junto a drogados nos EUA – o aspecto social ou subjacente é o elemento chave na agregação de

doenças. Dr. Horton é taxativo: “Não importa quão eficaz seja um tratamento ou quão protetora seja uma vacina, a busca por uma solução puramente biomédica e científica contra a COVID 19 vai falhar. A menos que os governos elaborem políticas para reverter profundas disparidades sociais, nossas sociedades jamais estarão protegidas contra a COVID 19”.

Já o Dr. Merrill Singer alerta por sua vez: “Temos que lidar com os fatores estruturais que dificultam o acesso dos pobres à saúde ou à alimentação adequada. O risco de não fazer isso é enfrentar outra pandemia como a Covid 19 no tempo que leva para uma doença existente escapar do mundo animal e passar para os humanos como foi o caso do ebola, do zika e que continuará a ocorrer à medida que continuarmos a invadir o espaço das espécies selvagens ou como resultado de mudanças, climáticas e do desmatamento.”

Falta de advertência não é ...

(Fonte: BBC News – 10/10/2020)

## Impulsos destrutivos

É tão forte o crescimento do nacionalismo, patriotismo perverso, supremacia racial, étnica e religiosa além do separatismo – ideológico, religioso e social (\$\$\$) no mundo e não percebemos que certas forças, ainda em atuação, podem se metamorfosear e atuar com um novo impulso destrutivo na humanidade (como um nazismo metamorfoseado).



Koloryzacja Mirek Szponar

**CERTAS FORÇAS, AINDA  
EM ATUAÇÃO, PODEM  
SE METAMORFOSEAR  
E ATUAR COM UM NOVO  
IMPULSO DESTRUTIVO  
NA HUMANIDADE.**

A foto é Czeslawa Kwoka, uma católica polonesa, uma menina de 14 anos, uma criança.

Ela morreu em 18 de fevereiro de 1943 no campo de extermínio de Auschwitz com uma injeção de fenol no coração. Pouco antes da execução, ela foi fotografada pelo prisioneiro Whitem Brasse. Então Brasse testemunhou contra o carrasco de Kwoka.

A foto é o rosto de uma criança assustada que nem mesmo falava a língua de seus algozes e que havia perdido a mãe dias antes. Ela foi uma das cerca de 250.000 crianças e menores executados em Auschwitz-Birkenau.

É uma foto tão poderosa em tantos níveis que os olhos são a

porta de entrada para a alma. A foto, originalmente exposta em preto e branco no Memorial O wi cim, foi colorida pela fotógrafa profissional brasileira Anna Amaral, que ficou impressionada com a foto de Czeslawa e decidiu colori-la e disponibilizá-la a todos.

Nunca mais e para quem já não consegue ouvir: NUNCA MAIS!!!

Por Andreas Pietsch  
Tradução livre: Leonardo Maia  
(Biblioteca Virtual da Antroposofia)

# 80 ANOS DE ORDENAÇÃO SACERDOTAL DO MONS. ELOI

Era 19 de novembro de 1915. Em São Tiago, nascia o menino Francisco que, conforme seu santo onomástico – São Francisco de Assis – seria predestinado a realizar grandes obras para maior glória de Deus.

De família humilde e numerosa, seus pais, Sr. José Pedro de Oliveira e D. Júlia de Sena, tiveram sete filhos: Isabel, Francisco, José, Maria, Emília, Cecília e Conceição.

Francisco, menino trabalhador, corajoso e confiante no amor de Deus, na fé e nas suas orações, desde cedo manifestou o desejo e a vocação de ser padre. Depois da aula, buscava lenha e esterco para uso da família, para vizinhos e familiares, fazia suas tarefas escolares, lavava-se na bacia e, com o livro de catecismo nas mãos, ia para a igreja Matriz falar de Deus para as crianças. Também servia o altar do Senhor como coroinha do saudoso Pe. José Duque.

Exemplos de honestidade, trabalho, respeito e testemunho de fé nunca lhe faltaram: seus pais eram frequentadores assíduos da oração, da Palavra e da Eucaristia. Sr. José Pedro, lavrador e carpinteiro dos bons, fora presidente da Conferência de São Vicente de Paulo durante quatro décadas e confrade durante toda a sua vida; D. Júlia, além dos afazeres domésticos, ajudava o marido no cuidado com a plantação e colheita de alimentos.

Depois de concluídos os estudos do Curso Primário, no Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior”, Francisco vai para o Seminário Coração Eucarístico de Jesus, em Belo Horizonte. Leva consigo poucas peças de roupa e o único e primeiro par de botinas, que ganhara na ocasião, cuidadosamente acomodados pela sua mãe num baú cedido pela família. Ao chegar no Seminário – gastara três dias viajando a cavalo e de trem – percebe que alguns meninos nem isso tiveram para levar. Na sua inocente humildade agradece a Deus, lembrando com carinho, gratidão e saudade da família distante.

Nada foi gratuito na sua vida de estudante: com muitas dificuldades financeiras e de transportes, sacrificava o merecido descanso das férias de final de ano em vender jornais usados nas fazendas da região. Muitas vezes descalço, guardava o único par de botinas no bernal para que, ao voltar para o seminário, ainda parecesse novo.

Mas nada foi em vão. Deus ouviu suas preces. No dia 20 de outubro de 1940, o jovem seminarista torna-se Padre Francisco Elói. Alegria e orgulho para o Pe. José Duque, sua família, amigos e para todos os são-tiaguenses.

Depois de celebrar sua primeira missa em Belo Horizonte e São Tiago, assume sua primeira paróquia. A seguir, assume a Capelania Militar do Exército Brasileiro, na 2ª Guerra Mundial.

Volta dos campos de batalha, na Itália, agora Mons. Eloi, Camareiro



Secreto, ainda mais fortalecido na fé e consciente da sacralidade do seu Ministério Sacerdotal.

Assume a Paróquia de São Tiago Maior e Sant’Ana como Vigário Cooperador e a Paróquia de São João Batista, em Morro do Ferro. Sugere ao Bispo Diocesano a criação da Paróquia Nossa Senhora das Mercês, em Mercês de Água Limpa, onde foi Administrador Paroquial e Pároco por 51 anos.

Além de Sacerdote responsável e comprometido com a Pastoral Religiosa e a Administração Paroquial, foi educador, idealizador de grandes obras sociais e assistenciais, criador e benfeitor de casas de saúde e de caridade.

Por mais de seis décadas batizou, evangelizou, perdoou, distribuiu a Sagrada Eucaristia, abençoou famílias, ungiu enfermos e preparou novos sacerdotes.

Foram cinco gerações encaminhadas por Mons. Eloi para o grande e definitivo encontro com Deus!!!

*Carlita Maria de Castro e Coelho  
Membro do IHGST  
Setembro / 2020*



## ORDENAÇÃO SACERDOTAL OU ORDENAÇÃO PRESBITERAL



É a ordem que o seminarista após ser Diácono recebe para tornar-se Padre. O advogado, o médico, o professor, o engenheiro etc. ao concluir seu curso ele cola grau, ao que chamamos de Formatura. O Padre, ao concluir seus estudos, não tem formatura e, sim, a Ordenação Sacerdotal ou Presbiteral. O sacramento da Ordem é um rito da Igreja Católica Apostólica Romana que ele recebe. Dai o termo Ordenação (consagração a Deus). Permite ao ordenado exercer um poder sagrado em nome de Cristo e com autoridade d'Ele para o serviço da Igreja

e do povo de Deus.

Monsenhor Eloi recebeu a ordenação em cerimônia solene realizada no dia 20 de outubro de 1940, na Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores, Bairro Floresta, em Belo Horizonte, por meio da oração consecratória e imposição das mãos de Dom Antônio dos Santos Cabral, junto a outros clérigos.

*Marcus Santiago  
Membro do IHGST/ALSJDR*

## MONSENHOR ELOI, UM GIGANTE QUE NÃO PODE SER ESQUECIDO!



Se vivo fosse estaria completando 80 anos de vida sacerdotal.

Nascido em 19/11/1915, ordenou-se sacerdote em 20/10/1940.

Fez o Curso Primário na Escola "Afonso Pena Júnior" e continuou os estudos no Seminário Coração Eucarístico em Belo Horizonte.

Participou da Segunda Guerra Mundial (1944-1945), dando assistência religiosa aos soldados brasileiros nos campos sangrentos da Itália. Foi Capelão Militar em Belo Horizonte.

Assumiu várias paróquias: Rio Acima, Passa Tempo, Morro do Ferro, Mercês de Água Limpa e São Tiago. Em todas deixou a marca de sua espiritualidade e de seu trabalho social e cultural.

Monsenhor Eloi, por onde passou, mostrava sua visão além do tempo, criando e inventando meios que facilitassem a vida de seus paroquianos: cursos acadêmicos, aulas de artesanato, de música, teatro, olaria, costura etc.

Em São Tiago, onde pastoreou por mais de 50 anos, foi grande pai espiritual, professor, administrador, formador e, sem dúvida, o entusiasmado pároco que realizava com gosto e alegria as festas religiosas e cívicas.

Homem inteligente, sacerdote exemplar, um conterrâneo para ser lembrado e cultuado sempre.

*Cairu Rezende  
Membro do IHGST  
Outubro/2020*



Dr. José Maria Ferreira – foto de formatura 1908

Dr. José Maria Ferreira foi advogado, promotor público<sup>(1)</sup>, formado pela Faculdade de Direito de Belo Horizonte (1908), natural de São Tiago, onde nasceu aos 06 de novembro de 1881, sendo batizado aos 15 dias do mesmo mês e ano, filho do Pe. Júlio José Ferreira e D<sup>a</sup> Benvinda Maria Bittencourt<sup>(2)</sup>. Dr. Augusto Viegas em sua “Notícia Histórica do Município de São Tiago”, ao discriminar são-tiaguenses ilustres, escreve: “Bacharelaram-se em Direito o autor destas notas, seu irmão Henrique das Chagas Viegas, José Maria Ferreira, estes dois últimos de saudosas memórias, promotores em Minas e conceituados advogados, respectivamente, na cidade do Rio de Janeiro e em São João Del Rei” (op.cit. B.Horizonte, Imprensa Oficial, 1972, pág. 44)

Dr. José Maria Ferreira formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Belo Horizonte (1908) Casado com D<sup>a</sup> Elzy Augusta Guadalupe (“Zizinha”), filha ela de Joaquim Augusto Pinto Paiva Guadalupe (+ 1907) e de D<sup>a</sup> Belarmina Coelho Guadalupe. Em 1907, segundo consta no inventário de seu pai, D<sup>a</sup> Elzy Augusta tinha 16 anos. D<sup>a</sup> Elzy faleceu no Rio de Janeiro aos 09-11-1984, onde residia então.

Dr. José Maria Ferreira e D<sup>a</sup> Elzy Augusta casaram-se aos 11/11/1911 em S. João Del-Rei, ele com 28 anos e ela com 20 anos. Uma cunhada do Dr. José Maria Ferreira, D<sup>a</sup> Ercília Augusta Guadalupe, no 1º semestre de 1907, tem 18 anos e é solteira; em inícios de 1908, quando do encerramento do inventário de seu pai (Joaquim Augusto Pinto Paiva Guadalupe), D<sup>a</sup> Ercília está casada com o 1º Ten. Fernando de Medeiros. Com o casamento, passou a assinar Ercília Guadalupe de Medeiros. O casal Ercília-Fernando em 07/02/1908, enviam procuração anexada ao inventário. Outro cunhado de Dr. José Maria Ferreira, José Augusto Guadalupe, “no primeiro semestre de 1907, quando do inventário de seu pai, tinha 7 anos; em 17 de fevereiro de 1922 apresenta requerimento de maioridade, lavrado em São João Del Rei, anexado ao processo, bem como a certidão de nascimento, nascido aos 17 de no-

## 22/10/2020 - Centenário de falecimento de um grande são-tiaguense - Dr JOSÉ MARIA FERREIRA

vembro de 1900, filho legítimo de Joaquim Augusto Pinto Paiva Guadalupe, cirurgião dentista, natural de Travanca de Oliveira do Hospital, distrito de Coimbra, Província do Douro, Portugal, e de sua mulher Belarmina Coelho Guadalupe, natural da Lage de Tiradentes, deste Estado, casados na Lage, município de Tiradentes, deste Estado, neto paterno de José Joaquim Pinto e da finada Maria Júlia Pinto e materno de José Antonio Coelho e da finada Maria Luzia” (Obs. Lage de Tiradentes, atual Resende Costa)

(Fonte: ACSR – Cartório CPO Loc. 1, S. João Del-Rei T1. C Leg, B, cx. 649 – 1907) Internet: origem big/ver conteúdo asp?id=5, acesso em 28/03/2016)

Dr. José Maria Ferreira faleceu aos 22-10-1920 em São João Del-Rei, sendo sepultado no Cemitério da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, causa mortis hepatite; inventariado em 1921, em S. João Del Rei, por sua viúva Elzy Augusta Guadalupe (fonte: www.deciomedeiros.com.br/... com...inventariados em 25 cidades mineiras – acesso em 28/03/2016) O casal José Maria/Elzy Guadalupe teve duas filhas: Lucília (+ 01/08/2007) viúva do sãojoanense Gil Monteiro e Maria Irene (+ 26/10/1996) residentes no Rio de Janeiro, bairro da Lagoa, a partir da década de 1940, ai falecendo e sepultadas.

Segundo a oralidade, Dr. José Maria Ferreira era filho de Pe. Júlio José Ferreira, que mantinha um notório relacionamento com D<sup>a</sup> Benvinda Maria de Bittencourt; outros filhos de Pe. Júlio e D<sup>a</sup> Benvinda foram D<sup>a</sup> Maria José Ferreira de Carvalho (1877-1932 - mãe do Dr. Júlio Ferreira de Carvalho deputado, jurista e interventor federal em Minas Gerais), Dr. João Batista Ferreira (1887-1948 - médico e professor) e uma outra criança, falecida em tenra idade.

O casal José Maria Ferreira/Elzy Augusta Guadalupe teve as filhas Lucília (+ 01-08-2007, Rio de Janeiro), viúva do são-joanense Gil Monteiro e Maria Irene (+ 26-10-1996, RJ). Ambas as filhas passaram a residir no Rio de Janeiro, a partir da década de 1940, no bairro da Lagoa, falecendo e sendo sepultadas no Rio de Janeiro (Fonte: Dr. Fernando Alcici)

### NOTAS

(1) Dr. José Maria Ferreira foi promotor público em São João Del-Rei entre 1910 e 1920 (Augusto das Chagas Viegas – Notícia de S. João Del Rei”, B. Horizonte, Imprensa Oficial, 3ª ed. 1969, pág.39) Exerceu aí ainda inúmeras atividades sociais, culturais, beneficentes. Foi um dos sócios fundadores e membro-diretor - juntamente com Mons. Gustavo Ernesto Coelho (1853-1924), Major Antonio Reis, Dr. Eloy Reis, Dr. J.D. Leite de Castro, Dr. Viviano Caldas, Major Francisco José Afonso, Cel. Afonso Pimentel, Major Alberto Magalhães, Major João Viegas - da “Sociedade de Auxílios Mútuos” de São João Del-Rei, em inícios do séc. XX (Site: www.são.joão.del.rei.blogspot.com.br.2014/ algumas anotações sobre o monsenhor – html – acesso em 19/05/2016)

(2) Certidão de batistério: “A 15 de Novembro de 1881, o Revmº Pe. Lúcio dos Passos Pereira baptizou solenmte o innoce. José, nascido a 6 d’este, filho de Benvinda Maria de Bittencourt; irmão padrºs Vicente José Ferreira, por procuração dada a José Maria Ferre<sup>a</sup> e Maria Gabriella da Silva e p<sup>a</sup> constar faço este assento. O Vigrº (Júlio José) Ferreira” (Fonte do Arquivo: Livro de Registro de Batizados nº 02, fls. 98 – Paróquia de São Tiago)

Nossos sinceros agradecimentos ao Dr. Fernando Alcici, médico, descendente (trineto) de Pe. Júlio José Ferreira, pelas valiosas informações prestadas e que permitiram a melhor qualidade, validade e abrangência da presente matéria.

Curiosidade/Peculiaridade: Sobre o Dr. José Maria Ferreira ver matéria “Cartas de amor em francês” publicada no boletim “Sabores & Saberes” nº IX – junho/2008.



D. Elzy Augusta (Zizinha) a época do seu casamento com José Maria. Sua família era dona do solar Guadalupe, que em 1962 se tornou o Mosteiro São José das Concepcionistas, na Rua da Prata, em São João del Rei, recentemente transferido para Araguari



Mosteiro São José das Concepcionistas, antigo solar Guadalupe

## SÃO-TIAGUENSES NOTÁVEIS

# Dr. José Maria Ferreira

Nasceu a 06 de novembro de 1881, em São Tiago, filho de dona Bemvinda Maria de Bittencourt e do vigário Pe. Júlio José Ferreira, sendo o primogênito dentre outros filhos segundo a oralidade. “A 15 de Novembro de 1881, o Revmº Pe. Lúcio dos Passos Pereira baptizou solenmente o innoce. José, nascido a 6 d’este, filho de Benvinda Maria de Bittencourt; forão padrºs Vicente José Ferreira, por procuração dada a José Maria Ferre<sup>a</sup> e Maria Gabriella da Silva e p<sup>a</sup> constar faço este assento. O Vigrº (Júlio José) Ferreira” (Fonte do Arquivo: Livro de Registro de Batizados nº 02, fls. 98 – Paróquia de São Tiago). Os pais viviam em casas separadas e com o passar do tempo, José Maria já adolescente morava com o pai. Além dos outros filhos destaque para o caçula João Batista médico que prestou relevantes serviços em Passa Tempo e depois em Oliveira.

Por volta de 1901, por motivos políticos, Pe. Júlio foi transferido para São João del-Rei assumindo a nomeação como vigário das Mercês. Nisso José Maria foi junto para estudar. Tempos depois seguiu para Belo Horizonte a fim de cursar o ensino superior. Na capital mineira formou-se em direito pela Escola de Direito de Belo Horizonte na turma de 1908. Dr. Augusto Viegas em sua “Notícia Histórica do Município de São Tiago”, ao discriminar são-tiaguenses ilustres, escreve: “Bacharelaram-se em Direito o autor destas notas, seu irmão Henrique

das Chagas Viegas, José Maria Ferreira, estes dois últimos de saudosas memórias, promotores em Minas e conceituados advogados, respectivamente, na cidade do Rio de Janeiro e em São João del-Rei” (op.cit. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1972, pág. 44).

Em 11 de novembro de 1911, em São João del-Rei, Dr. José Maria aos 30 anos de idade se casou com a Stra. Elzy Augusta Guadalupe (Zizinha), com 20 anos de idade. Ela filha do Sr. Joaquim Augusto Pinto Paiva Guadalupe e de D. Belarmina Coelho Guadalupe. Nascida em 25 de novembro de 1890 em São João del-Rei e falecida no Rio de Janeiro, a 09 de novembro de 1984, já viúva do seu segundo casamento com o Coronel Vasconcellos, com que não teve filhos. Do primeiro casamento com Dr. José Maria teve duas filhas: Lucília, nascida a primeiro de setembro de 1912 e falecida no Rio de Janeiro a primeiro de Agosto de 2007, tendo sido casada com Gil Monteiro, de São João del-Rei, sem filhos e, Maria Irene nascida a 23 de novembro de 1913, profissional do serviço social, falecida solteira a 26 de outubro de 1997, no Rio de Janeiro.

José Maria viveu sua vida profissional em São João del-Rei tendo sido advogado, promotor de justiça entre 1910 e 1920 (Augusto das Chagas Viegas – “Notícia de S. João Del Rei”, B. Horizonte, Imprensa Oficial, 3ª ed. 1969, pág.39).

Além de exercer o cargo público exer-



Dr. José Maria quando jovem

ceu inúmeras atividades beneficentes, sociais, culturais e religiosas. Era franciscano terciário. Foi um dos sócios fundadores e membro-diretor - juntamente com Monsenhor Gustavo Ernesto Coelho (1853-1924), Major Antônio Reis, Dr. Eloy Reis, Dr. J.D. Leite de Castro, Dr. Viviano Caldas, Major Francisco José Afonso, Cel. Afonso Pimentel, Major Alberto Magalhães, Major João Viegas - da “Sociedade de Auxílios Mútuos” de São João del-Rei, em inícios do séc. XX (Site: [www.são.joão.del.rei.blogspot.com.br/2014/algumas-anotações-sobre-o-monsenhor.html](http://www.são.joão.del.rei.blogspot.com.br/2014/algumas-anotações-sobre-o-monsenhor.html) – acesso em 19/05/2016)

No ano do seu falecimento, após muitos anos de ausência da sua terra natal, foi a São Tiago com a esposa, que ainda não conhecia o lugar, para rever amigos e parentes. Numa partilha com amigos D. Zizinha disse que visitou várias pessoas e em todas as casas era servido um café feito na hora com quitandas. Na casa que ficou o banho era de bacia, comum em todas as residências do distrito. Comidas fartas, feitas no fogão a lenha. Quarto de hospedagem muito aconchegante com as melhores colchas de tear. A hospitalidade do povo são-tiaguense sempre foi notória.

Dr. José Maria faleceu aos 22 de outubro de 1920, com apenas 39 anos - causa da morte hepatite evoluindo para neoplasia. Foi sepultado no Cemitério da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, em São João del-Rei.

Neste ano, após 100 anos do seu falecimento, ainda continua sendo lembrado como um cidadão íntegro que contribuiu para o desenvolvimento e progresso de nossas comunidades.



Casal Elzy Augusta Guadalupe e Dr. José Maria Ferreira à época de seu casamento (1911)

Fernando Alcici  
Sobrinho-bisneto do  
Dr. José Maria Ferreira

# 250 anos de nascimento

## LUDWIG VAN BEETHOVEN

**Nasceu em Bonn Alemanha, sendo batizado aos 17-12-1770. Faleceu em Viena aos 26-03-1827**



LUDWIG EETHOVEN

Viena, 1820. Havia algo de inquietante naquele homem atarracado que passava pela Esplanada dos Bastiões. Dava a impressão de estar ausente, muito longe dali. Percorria a grama sem rumo certo, sem ver ninguém. Ora andava a todo passo, afastando gente para os lados, ora se detinha por demorados momentos, com uma expressão de perplexidade no rosto pálido pela variação. Sua cabeleira revoltada e crescida densamente falta de trato. O desalinho da amarfanhada roupa que vestia, também. Os bolsos do paletó se estufavam com partituras, lápis e blocos de papel, além de um grande lenço colorido que de vez em quando ele sacava para assoar ruidosamente o nariz. Sem dúvida suas profundas cogitações deviam interessar-lhe mais do que o cuidado com as aparências.

Contrastando com o traje e as modas negligentes, um ar de soberba nobreza marcava-lhe a fisionomia corvada. A testa larga, a boca enérgica e o brilho intenso dos seus olhos negros exprimiam autoridade e poder.

As miradas furtivas dos curiosos que se voltavam para observar a sua estranha figura não o perturbavam; atélio a tudo, ele seguia murmurando consigo mesma e às vezes cantando alto com sua grava e ruído, enquanto apitava no ar as mãos grandes e peludas, regendo uma orquestra invisível.

As pessoas julgavam-no louco. Não percebiam que era surdo, nem podiam imaginar que ele era um gênio. Seu nome? Ludwig van Beethoven.

Tinha cinquenta anos de idade e de cansaço. Conheceu o sofrimento e a angústia logo no princípio da infância, e desde então vivia lutando contra uma batalha esmagadora. Não deixara que o derrotassem. Mas esvaziara lutando, sem conseguir afastá-la.

Havia revolucionado a arte, criando uma obra musical arrejada e pipante, que tanto a nobreza como o povo europeu aclamavam com admiração. Tinha seguramente reservado o seu lugar na História. Contudo, permanencia desconhecido e infeliz. Continuava sem saber o que era a paz.

Jamais chegou a conhecê-la. O emaranhado de conflitos da sua turbulenta emocionalidade atormentou-o até os últimos dias. "Minha vida são minhas notas" — disse certa vez. E, na verdade, a música foi o melhor da sua existência. Inteira e dedicada a ela na solidão do trágico mundo da silêncio em que viveu, Ludwig van Beethoven descobriu para a humanidade um universo sonoro insuspeitado, grandioso e fascinante.

Para muitos o maior compositor de todos os tempos. Alemão de ascendência belgo holandesa. A palavra "bettenhoven" em holandês significa "canteiro de rabanetes".

Beethoven estudou até os 11 anos e já aos 13 anos trabalhava como organista, cravista, músico de orquestra e professor. Era um adolescente introspectivo, tímido, melancólico, vivendo imerso num mundo de devaneios. Seu pai Johann e seu avô eram igualmente músicos. Estudou, de forma entusiástica, literatura, em especial as obras (pré-românticas) de Goethe e Schiller. Elas teriam fundamental importância na obra musical de Beethoven. Acompanhou igualmente, as fervilhantes ideias da Revolução Francesa.

Transferiu-se para Viena, com apoio pessoal do amigo conde Waldstein onde foi aluno de Haydn e possivelmente de Mozart.

Pianista de sucesso, rapidamente passou a conviver com aristocracia vienense, cultivando a admiração geral. Passa a realizar tournês pela Europa. Em 1796, surgem os problemas de surdez, que o inquietariam e o angustiariam por todo o resto da vida.

Beethoven não se casou e sua vida amorosa recheada de insucessos. Educou um sobrinho, filho de seu falecido irmão Karl, tendo que lutar na justiça pela sua guarda (1815).

Depressivo, ainda que em plena atividade produzindo as mais retumbantes obras primas – operas, sinfonias réquiens, sonatas, variações. Faleceu vitimado por pneumonia, complicada com cirrose e infecção intestinal.

Sua obra – transição entre Classicismo e Romantismo é dividida pelos estudiosos em 3 fases: A 1ª, entre 1792 e 1800, A 2ª entre 1800 a 1814, marcada pela surdez e decepções amorosas; a última fase de 1814 a 1827, com obras monumentais e insuperáveis com a Nona Sinfonia, Missa Solene quartetos de cordas. Sua obra inclui ópera (Fidélis) músicas para teatro e balé, missas, sonatas, concertos e violoncelos, música de câmara e nove sinfonias.

### — dados e fatos relevantes —

- 1770 — Ludwig van Beethoven nasce em Bonn, provavelmente a 16 de dezembro.
- 1775 — início dos estudos musicais, sob a orientação do pai, Johann.
- 1781 — estudo de música com Christian Nefze; de órgão com o padre Willibald Koch e com Zerer; de violino com Rovantini.
- 1783 — publicação de sua primeira composição: "Variações sobre uma Marcha de Drester".
- 1787 — Beethoven visita Viena e toca para Mozart, que lhe prevê grande futuro.
- 1792 — retorna a Viena, em definitivo. Toma aulas com Haydn.
- 1794 — Beethoven estuda com Albrechtsberger, Forster e Salieri.
- 1797 — suas primeiras composições começam a despertar a atenção.
- 1798 — sintomas iniciais de surdez.
- 1799 — primeira execução da Sinfonia n.º 1, juntamente com o Septeto, Opus 20, a 2 de abril. Composição do balado "Prometeu".
- 1802 — sob grande angústia, escreve o chamado "Testamento de Heiligenstadt".
- 1804 — destrói a dedicatória a Napoleão, na partitura da terceira Sinfonia ou "Eroica".
- 1816 — litígio com a viúva de seu irmão Karl, pela custódia do sobrinho.
- 1824 — primeira execução da Nona Sinfonia ou "Coral".
- 1827 — morre a 26 de março, vitimado por cirrose no fígado.

Fonte: Grandes compositores da música universal – Beethoven – Ed. Abril, 1973

## APELIDOS EM SÃO TIAGO

### C

Charuto, Coringa, Creca, Cró, Cabil, Castanheira, Canjiquinha, Cará, Cafezinho, Codorna, Coió, Cavalo, Cartueiro, Cuité, Conde, Cabrito, Cobrinha, Cabaça, Cuié, Cuca, Caco, Curua, Cebola, Chibata, Canoa, Carôço, Coalhada, Coelho, Caçaroça, Caveira, Cata-tumba, Cabecinha, Caçola, Cotinha, Carlito, Coccoza, Contantino, Coiote, Cachimbeiro, Cara-suja, Chiquinho, Chiquita,

### D

Dié, Dedé, Dadá, Dodô, Dote, Duca, Dunga, Dico, Deco, Dóca, Deca, Dorango, Duque, Dica, Dute.  
Delegado do Cinema, Delegado do Jorge

Tiago do Rosário Mendes Santiago – Tiago do Beco



## Jovem Sãotiaguense, Larissa Gaudêncio Caputo, filha do casal Rosângelo Caputo e Walderene Gaudêncio, brilha em Vestibular/Redação – 2º lugar no curso de Veterinária da UFMG - nossos cumprimentos



Aproximadamente um século após a criação do cinema, na década de 1980, era comum encontrar locais externos para assistir filmes. Entretanto, na contemporaneidade, espaços comuns de divulgação de obras cinematográficas são salas fechadas, especialmente em shopping centers. Tal redução de abertura ao público é oriunda do processo de formação da indústria cultural e da falta de habilidade crítica dos brasileiros.

A priori, obras artísticas, em geral, se tornaram produtos de um mercado homogêneo. De acordo com estudiosos da Escola de Frankfurt, no mundo globalizado, as culturas nacionais são sobrepostas por uma global. Tal fenômeno foi percebido pelo universo capitalista, que instituiu um padrão de produção a ser comercializado. Contudo, sendo o Brasil um dos dez países mais desiguais do mundo, são poucos aqueles que garantem acesso a esse comércio. Dessa maneira, prejudica-se a democratização do cinema.

Outrossim, a sociedade é deficiente em senso crítico, tornando-se passiva ao questionamento das injustiças sociais. Segundo Raymundo Faoro, os brasileiros são caracterizados como um povo omissivo, que ignora as crises do País e é distraído por opções de lazer, como Carnaval. A ironia dessa postura, em relação ao mun-

do cinematográfico, está no fato de que as dificuldades de acesso aos espaços reprodutores dos filmes são despercebidas, devido à distração com os próprios. Desse modo, torna-se evidente a contribuição da postura apática da população para a manutenção da problemática.

Em suma, a ampla utilização do cinema depende da superação da homogeneização de bens culturais e da passividade no País. Com tal objetivo, as instituições do ensino básico, responsáveis pela socialização secundária, devem promover debates sobre temas variados e importantes para a convivência social. Esses deverão ser organizados através da inspiração em eventos do gênero promovidos por entidades educacionais de renome, como a Pontifícia Universidade Católica. Dessa forma, os alunos aprenderão a identificar situações de manipulação e, conseqüentemente, lutarão pelos seus direitos, como o usufruto, de maneira democrática, das obras do cinema.

**Larissa Gaudêncio Caputo**  
**Redação Enem2019**

Um ancião indígena norte americano, certa vez, descreveu seus conflitos da seguinte maneira:

- Dentro de mim há dois cachorros. Um deles é cruel e mau. O outro é muito bom e eles estão sempre brigando. Quando lhe perguntaram, qual cachorro ganhava a briga, o ancião parou, refletiu e respondeu.
- Aquele que eu alimento mais frequentemente

*(Citado por Paulo Coelho)*



- Seja água, disse o mestre.

A água limpa a si mesma e limpa tudo aquilo que toca. Seja água em torrente.

- Seja fogo, disse o mestre.

O fogo faz a madeira podre transformar-se em luz e calor. Seja o fogo que queima e purifica.

- Seja vento, disse o mestre.

O vento espalha as sementes sobre a terra, faz o fogo arder com mais brilho, empurra as nuvens para que a água caia sobre todos os homens.

Se você tiver a paciência da terra, a pureza da água, a força do fogo e a justiça do vento, você está livre.

*(Sabedoria Oriental)*



# O COMETA DE HALLEY



Os cometas, desde a Antiguidade, sempre atraíram a atenção da humanidade. Sempre causaram, ao longo da história, espanto, fascínio e mesmo temor aos seus observadores. De brilho fraco, refletindo apenas 4% da luz solar, possuem uma rota elíptica, excêntrica (longa) ao redor do sol, sendo raras as suas visualizações a olho nu. O avistamento e surgimento de um cometa no céu noturno sempre foi – e ainda é – uma notícia considerável, sinal de visita desses intrigantes viajantes celestes, em especial quando se aproximam do sol e por pressão das radiações solares, surgem as caudas, que se estendem geralmente em sentido contrário (em relação ao sol).

São eles corpos celestes menores, dotados de núcleo (formado por rochas, poeira e gases congelados) que, quando se aproximam do sol, exibem uma atmosfera difusa, nebulosa ao redor do núcleo, denominada coma, podendo também apresentar uma cauda luminosa feita de gases, gelo e poeira, causadas pela radiação e ventos solares sobre o núcleo cometário. A cauda, que recobre o núcleo, formada devido ao derretimento de gases e gelo, pode ter milhares de quilômetros de extensão. Assemelham-se os cometas, por vezes, a asteroides.

Etimologicamente, a palavra “cometa” vem do lat. vulgar “cometes” > gr. “kometes”, que quer dizer “cabeleira da cabeça”, “que tem cabeleira ou coma” e ainda “estrela com cabelos”, definição esta atribuída a Aristóteles, ao se observar o rastro deixado pelo corpo celeste nos céus. Os cometas podem ser divididos em três espécies: I – Cometas periódicos ou de curto período – quando possuem uma rota elíptica ao redor do sol e retornam ao mesmo ponto (periélio) em períodos inferiores a 200 anos. Exemplos: os cometas Encke, Halley; II – Cometas não periódicos ou de longo período – possuem órbitas parabólicas, foram observados uma única vez e podem levar milhares de anos a aparecerem novamente próximos ao sol, caso voltem. Exemplos: cometas Hale Boop, Hyakutake; III – Cometas extintos – são os cometas que já não existem mais, seja por terem se chocado contra outro corpo ou por se desintegrarem devido a aproximação contínua do sol.

O cometa de Halley, o primeiro a ser reconhecido como periódico, é um brilhante corpo celeste que, em seu roteiro, retorna às regiões interiores do sistema solar a cada 75,3 anos. Trata-se de cometa conhecido pelos povos antigos, mas seu nome deriva do cientista Edmond Halley (1656-1742), astrônomo e matemático inglês, que, em 1696, descobriu sua periodicidade ou seja, que vários registros, em diversos locais, ao longo dos séculos, se referiam ao mesmo cometa <sup>(1)</sup>. Reparando que as características observadas em um cometa em 1682 eram idênticas às de dois cometas que apareceram em 1531 (observado por Petrus Apianus) e em 1607 (observado por Johannes Kepler), Halley concluiu que todos os três cometas eram, na realidade, um só, ou seja o mesmo objeto que retornava a cada 75/76 anos <sup>(2)</sup>. Após estimar as perturbações de sua órbita, Kepler previu seu retorno em 1758, o que se confirmou. Assim, o cometa foi observado a 25 de dezembro de 1758

por um agricultor alemão e astrônomo amador, Johann Georg Pätzsch, atingindo o seu periélio em 13 de março de 1759, por força da atração de Júpiter e Netuno. Halley, que falecera em 1742, não sobreviveu para assistir o regresso do cometa.

O cometa, que, no periélio, perde aproximadamente  $3 \times 10^{11}$  de gás e poeira em cada aparição, o que representa cerca de 0,1% de sua massa total. Tais partículas maiores de poeira compõem grupos de meteoros que são atraídos pela Terra, duas vezes ao ano – as chamadas chuvas de meteoros – a Eta Aquáridas em abril e Oriônidas no final de outubro.

Segundo astrônomos, o cometa Halley foi capturado pelo campo gravitacional de Júpiter, obrigando-o a descrever a atual órbita, desde 200 mil anos atrás, época em que seu núcleo tinha cerca de 19 km de diâmetro, contando hoje aproximadamente, 11 km de diâmetro, fadando-o a desaparecer dentro de 300 mil anos. Sua órbita é oposta à dos planetas (movimento retrógrado); tem seu periélio (ponto mais próximo do sol) a 0,59 unidade astronômica (cada uma delas equivale a 149.597.870.691 km), enquanto seu afélio (ponto mais distante do sol) fica além da órbita do planeta Netuno. O sucesso de Edmond Halley ao prever o retorno do cometa em 1759 foi considerado uma prova incontestada da lei de gravitação de Newton <sup>(3)</sup>.

## PASSAGEM DO COMETA DE HALLEY EM 1910

A presença do cometa de Halley, na noite de 18 para 19 de maio de 1910, traria uma série de temores e de pânico generalizado. É que os cientistas tinham identificado a composição química, a qual incluía elementos venenosos, dentre eles o cianogênio, gás letal presente na cauda do cometa. A divulgação pela imprensa gerou um conjunto de superstições, especulações, mal entendidos, bem como a exploração comercial, que passou a oferecer máquinas antigases, comprimidos que prometiam ser um antídoto aos venenos cósmicos, guardas chuvas para se protegerem e tantas outras baboseiras.

O cometa de Halley, um milenar viajante dos céus, com sua baixa, porosa densidade, passou, todavia, tranquilamente pelo espaço, prosseguindo em sua extensa órbita, sem causar maiores danos à vida terrena, levando consigo sua inofensiva, cintilante cauda <sup>(4)</sup>. Quando de sua passagem em julho de 1985, o cometa foi estudado atentamente pelos astrônomos, inclusive com o envio da sonda Giotto. O próximo periélio do cometa está previsto para o dia 28 de julho de 2061 e será visível praticamente em todo o mundo.

**NOTAS**

(1) A passagem do cometa Halley, em sua órbita de 12 bilhões de quilômetros, acha-se registrada em mais de 30 aparições, a primeira delas no ano de 240 a.C. Ainda no séc. I d.C, por astrônomos judeus, com base numa passagem do Talmude que se refere a “uma estrela que aparece a cada setenta anos e assombra os capitães dos navios”. Seria observado ainda, a olho nu, nos anos de 374, 607, 837 e 1066 (esta registrada nas tapeçarias de Bayeux)

(2) Alguns acontecimentos interessantes associados à passagem do cometa Halley ao longo dos séculos e que merecem destaque:

12 a.C – Alguns teólogos chega(ram a sugerir que a passagem do cometa poderia ser associada à estrela de Belém, que aparece na Bíblia.

837 d.C. – Segundo cientistas, foi nessa passagem que o cometa mais se aproximou da Terra (cerca de 4 milhões de Km)

1066 – A passagem foi considerada desastrosa para os ingleses. No final desse ano, Haroldo II, último rei da monarquia anglo-saxônica, morreu na batalha de Hastings e a Inglaterra passou a ser dominada por Guilherme I, duque da Normandia.

1835 – O conhecido escritor americano Mark Twain nasceu duas semanas após a passagem do cometa. Em sua biografia, ele afirmou que “viera” com o Halley e que “iria” embora com ele em 1910, por ocasião de sua próxima passagem (retorno). Coincidência ou não, o famoso autor realmente morreu, nesse ano.

1910 – Foram tiradas as primeiras fotos do cometa

1966 – Passagem do cometa, tida como a “menos espetacular de todas”. Foi fotografado no espaço pela sonda Giotto.

(3) Isaac Newton (1643-1727) desenvolveu, em sua obra “Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica”, publicada em 1687, em que o autor descreveu, não só a lei da gravitação universal e as três leis dos corpos em movimento, mas também revelava a consistência e sintonia entre o sistema por ele idealizado e as leis de Kepler sobre a movimentação dos planetas, demonstrando que os objetos, tanto na Terra quanto em outros corpos celestes, são governados pelo mesmo conjunto das leis naturais. Afirmava e detalhava que, assim como os planetas giram, ao redor do sol, em órbitas elípticas, semicirculares, sob a força da gravitação, assim os cometas também faziam o mesmo, com a diferença de que eram tão alongadas as órbitas, que só seriam visíveis nas ocasiões em que se aproximavam da Terra e do Sol e por isso, teriam passagens periódicas e com datas, em princípio, previsíveis.

(4) Dizia-se que a cauda venenosa do cometa arrasaria a Terra, tornando irrespirável a atmosfera; que mares, rios e lagos sairiam de seus leitos; cidades seriam devastadas por torrenciais trombas d’água. Pessoas foram tomadas de pânico, que se alastraria quase incontrolável, diz-se até suicídios; outras refugiaram-se nas montanhas, muitos se desfizeram de suas fortunas, esbanjando-as ou até doando seus haveres e quantos outros cometendo atos deveras ridículos!

**EXPRESSIONÃO ‘COMETA DE HALLEY DO TABULEIRO’**

Na prática enxadrística, existe um final, que, pela sua singularidade e pouca frequência, é denominada “cometa de Halley do tabuleiro”. Trata-se do final do Rei e dois cavalos contra Rei e um peão. Embora raro, tal final ocorreu, curiosamente, no Torneio Aberto de Nova York, em 1960, quando o famoso xadrezista russo-húngaro Andor Lilienthal esteve em vantagem, em três oportunidades desse final e não ganhou! No 9º Torneio Aberto de Mônaco, o fenômeno se repetiu na 8ª rodada entre o búlgaro Vesselin Topálov e o ex-campeão mundial Anatole Karpov.

Sobre esse tipo de final, escreveu o mestre enxadrista Paul Keres (1916-1975) em seu livro “Practical Chess Endings”: “Devemos mencionar um final com pouco valor prático, mas sobre o qual, o leitor deve conhecer alguma coisa: dois cavalos contra um peão. É bem sabido que dois cavalos não podem forçar o mate por causa do perigo do ‘pate’, como a presença de um peão adversário remove esse perigo, em certas ocasiões um ganho é possível” (Mais informações sobre o assunto poderão ser facilmente pesquisadas na Internet)

**O COMETA DE HALLEY NA VISÃO DE ESCRITORES**

Vários cronistas e memorialistas fizeram referências, em seus textos, à fascinante passagem do cometa de Halley. Vejamos alguns:

• Carlos Drummond de Andrade assim se refere ao interessante acontecimento, por ele observado na infância, no interior mineiro:

“Aos sete anos de idade, imaginei que ia presenciar a morte do mundo ou antes, que morreria com ele. Um cometa mal-humorado visitava o espaço. Em certo dia de 1910, sua cauda tocava a Terra, não haveria mais aula de aritmética, nem missa de domingo nem obediência aos mais velhos. Essas perspectivas eram boas, mas também não haveria mais geléia, Tico-Tico, a árvore de moedas que um padrinho surrealista preparava para o afilhado que ia visita-lo. Ideias que aborreciam. Havia ainda a angústia da morte, o tranco final com a cidade mineira (e a cidade, para o menino, era o mundo) se despedaçando – mas isso, afinal, seria um espetáculo. Preparei-me para morrer com terror e curiosidade.

O que aconteceu à noite foi maravilhoso. O cometa Halley apareceu mais nítido, mais denso de luz e airosoamente, deslizou sobre nossas cabeças, sem dar confiança de exterminar-nos. No ar frio, o véu dourado baixou ao vale, tornando irreal o contorno dos sobrados, da igreja, das montanhas. Saíamos para a rua, banhados de ouro, magníficos e esquecidos da morte que não houve. Nunca mais houve cometa igual, assim terrível, desdenhoso e belo. O



rabo dele media... Como posso referir em escala métrica as proporções de uma escultura de luz, esguia e estelar, que fosforeja sobre a infância inteira ?

No dia seguinte, todos se cumprimentavam satisfeitos, a passagem do cometa fizera a vida mais bonita. Havíamos armazenado uma lembrança para gerações vindouras que não teriam a felicidade de conhecer Halley, pois ele se dá ao luxo de aparecer, só uma vez, cada 76 anos” (Crônica “O fim do mundo” – do livro “A bolsa e a vida”, Ed. Record)

-----

• “...a imprensa passou a noticiar com previsões alarmantes a passagem, nas proximidades da Terra, do cometa de Halley, acontecimento esperado para o dia 19 de maio de 1910 (...) Durante trinta dias, o cometa pôde ser visto sobre o mar, sempre de madrugada (...) Dizia não acreditar nos efeitos mortais que o cometa poderia causar aos habitantes da Terra. Mesmo assim, algumas notas preocupantes liberadas pelos jornais de Vitória davam motivo a que muitos passassem a se confessar diariamente na esperança de limparem a alma, pois brevemente seriam alcançados pela morte. Nunca se fez tanta caridade como às vésperas do dia 19 de maio. As igrejas viviam cheias e nas ruas, nunca os pobres foram tão bem alimentados e agasalhados. Alheios aos comentários gerais, os pedintes, atônitos, sentiam-se como se vivessem em outro mundo.

A tão indesejada e temida noite de 19 de maio, a “noite do fim do mundo”, foi chuvosa – pelo menos em Vila Velha e em Vitória – e ninguém viu o cometa passar.

Na madrugada de 17 de abril de 1910, foi visto pela primeira vez o cometa de Halley (...) Levou aparecendo todas as madrugadas durante um mês, a leste; no dia, digo, na noite de 19 de maio, esperava-se a passagem pela Terra, o que não foi observado, pois a noite se achava chuvosa, mas na noite de 20 de maio, apareceu a oeste, deixando de ser visto pela madrugada e sim à noite, durante muitas vezes, até que desapareceu” (Dijairo Gonçalves Lima – “Vila Velha: seu passado e sua gente”)

# MERCÊS DE ÁGUA LIMPA:

## 58 anos de instalação (1962-2020)

A comunidade de Mercês de Água Limpa, como a maioria das comunidades brasileiras, tem sua origem histórica e cultural fundamentada nos povos indígenas, na colonização portuguesa, na miscigenação africana e, mais tarde, misturada a cultura de outros povos europeus, asiáticos e americanos.

A tradição oral conta que estas terras pertenciam ao Barão e à Baronesa de Ponte Nova, Sr. José Joaquim de Andrade Reis e dona Ubaldina Cândida de Andrade, ricos fazendeiros, conhecidos na região como Barão e Baronesa de Coqueiros. Possuíam um número incontável de animais, escravos e inúmeros bens materiais; empregavam administradores, feitores e capitães-do-mato. Cidadãos íntegros e tementes a Deus, por volta de 1871, doaram à Igreja a área denominada “Alto dos Potreiros”, local correspondente à sede do Distrito.

A fundação do antigo arraial de Mercês de Água Limpa não possui documentação oficial sobre a data precisa de quando começou. Tanto as datas, quanto os fatos de criação da localidade foram passados oralmente de geração em geração e, até hoje, guardam muitas histórias de lutas, batalhas, conquistas e causos pitorescos.

Conta-se que existia, onde é atualmente a Igreja Matriz, um “Cruzeiro” onde pessoas da comunidade se reuniam para rezar. Com o crescimento da população, o velho cruzeiro deu lugar a uma simples e modesta capela tendo como construtor o Revmo. Padre Júlio José Ferreira, com a autorização de Dom Silvério. Muitas pessoas frequentavam a capela para suas orações e reza do terço. Pelo seu tamanho e singeleza ficou apelidada de “Capelinha” até ser colocada sob a proteção de um santo.

O tempo foi passando e outras pessoas vieram residir em Capelinha. Aos finais de semana e dias santos pessoas da localidade e da redondeza vinham com suas famílias e amigos fazer suas preces e orações. A singela capelinha era vista dos altos das serras e de longe. Famílias da região convidavam amigos e vizinhos para virem rezar na “Capelinha”, com isso a comunidade ganhou esse primeiro nome por parte de seus habitantes.

Assim, por volta de 1897, o Exmo. e Revmo. Dom Silvério Gomes Pimenta, Bispo de Mariana, em visita pastoral à região, veio ao novo povoado conhecer o local que tantos admiravam e abençoar os fiéis da pequena comunidade. Ao atravessar o córrego dos Potreiros seu cavalo parou para saciar a sede, dando tempo ao bispo para admirar a beleza da paisagem e elogiar a limpidez da água, afirmando-a ser pura e cristalina. Ao chegar à vila, se deparou com um pequeno e simples aglomerado de casas e com pessoas acolhedoras e de muita fé. Como era 24 de setembro, dia consagrado a Nossa Senhora das Mercês, a representação de Maria comemorada neste dia, era de sua devoção; Dom Silvério colocou o lugarejo sob a proteção da Santíssima Virgem das Mercês. Antes de partir deixou como sugestão que a vila se chamasse: “Terra de Nossa Senhora das Mercês de Água Limpa”.

Muito tempo, ao percorrer o território da nova Diocese de Oliveira em visita pastoral, o seu primeiro bispo diocesano, Dom José Medeiros Leite, elevou à categoria de Paróquia, em 25 de maio de 1947, a Capela de Nossa Senhora das Mercês. Anos depois, em conversa com Monsenhor Eloi, Dom José sugeriu que se cogitasse a mudança de topônimo da vila por um nome mais reduzido, que deveria ser “Mercês de Minas”.

O distrito de Mercês de Água Limpa foi criado pela Lei Mineira em 12 de dezembro de 1953, porém instalado oficialmente em 29 de abril de 1962.

A Festa da Padroeira é precedida por um novenário com



grande participação da população. Tendo o dia principal celebrado em 24 de setembro e o Dia do Distrito, comemorado respectivamente no dia 25.

Ao lado da agropecuária foi descoberta a riqueza do subsolo que surgiu como fonte de renda do distrito – a mineração de manganês, estanho, extração de cassiterita, djamaíta e tantalita – quase sempre explorados por empresas multinacionais que possibilitam emprego a vários agualimpenses.

A comunidade distrital é composta pelos povoados: Capão das Flores, Germinal, Cajengá, Pau Lavrado, Manteiga, Capoeirão, Prata, Rio do Peixe, Cachoeirinha e Florinda.

As terras da região de Mercês de Água Limpa fazem parte do circuito turístico da Estrada Real, pois devido à proximidade com o Rio das Mortes, foram caminho de referência dos bandeirantes que vinham do litoral e adentravam os sertões brasileiros do centro-oeste, para depois voltarem ao Rio de Janeiro, sede da colônia portuguesa.

Por aqui passaram diversos imigrantes estrangeiros dos mais diversos e distantes países. Vieram em busca de riquezas e trouxeram costumes e tradições que, misturadas às origens, constituem patrimônio cultural da comunidade agualimpense e região.

Mercês de Água Limpa celebra neste mês de setembro mais um aniversário de instalação do distrito. Tempo de comemorar as conquistas, o trabalho, a gratidão e o entusiasmo do seu povo.

A comunidade agualimpense agradece a todos que, de forma direta ou indireta, promovem oportunidades e progresso para o Distrito. São inúmeras as pessoas que, no anonimato, dirigem o município, guiam espiritualmente os fiéis, direcionam as crenças, ensinam nas escolas, transmitem conhecimento de uma geração a outra, desenvolvem seus dons e talentos na música, no artesanato, na culinária, na história, nas ações sociais, na saúde, na agricultura e no empreendedorismo.

Mercês de Água Limpa é sinônimo de cultura, economia, tradição e espiritualidade. Terra de gente acolhedora, hospitaleira e de fé, que batalha e luta todos os dias pelos seus objetivos.

**Carlita Coelho e Marcus Santiago**  
Membros do IHGST



## Memórias da Juventude

### ESCOLA RURAL

Por volta da década de 1960, tive o prazer de ver de perto o funcionamento de uma escola rural. Quando entrava de férias em São Tiago, ia para o sítio no Jacaré e ficava na casa onde funcionava a escola rural do povoado e a professora titular residia lá também, D. Antônia Amâncio.

A escola foi criada na fazenda do Sr. Bento Vieira e sua casa foi adaptada para o seu funcionamento. Juntou-se dois quartos, virando uma sala grande, bancos de tábuas rústicas, uma mesinha para a professora, um filtro de barro e quadro negro médio compunham o espaço escolar.

Neste período, a prefeitura era administrada pelos prefeitos: Pereirinha, Raul Mata e Guido Reis, que sempre prestigiavam a escola com suas visitas.

As professoras não eram concursadas, mas designadas para essas escolas, tornando-se um referencial de sabedoria e conhecimento para aquelas comunidades.

D. Antônia, por exemplo, além de administrar suas aulas diariamente, era benzedeira, parteira, merendeira, conselheira de casais, de jovens, catequista no preparo de primeira Comunhão. Ainda era prestadora de serviços de escritas e reuniões presenciais na Prefeitura Municipal de São Tiago.

Pessoas ligadas à educação vinham sempre fazer as "vistorias" e eram recebidas com saborosos almoços. Vinham no carro do prefeito e orientavam em todos os aspectos do funcionamento. Lembro-me muito da Zizinha, da Santinha Lara, Sr. Blair fazendo este trabalho nas escolas rurais. Este era um dia "diferenciado" na escola... Os alunos vinham todos "escovadinhos", de banhos tomados, roupas limpas, calçados, com números artísticos ensaiados e cadernos com matéria em dia transportados em grandes "embornais" para alegria dos alunos e a professora ficava bastante dividida entre as visitas e os alunos.

O básico era ler e escrever e contar e as aulas eram ministradas juntas para as 3 séries iniciais. Fazia-se uma oração no início e começavam as aulas, pontos de geografia para copiar, quadro cheio, leituras orais, tabuadas decoradas, contas de aritmética com provas etc.

Quando o aluno terminava o conteúdo de 3ª série, ia para a cidade e submetido à provas, terminava o primário no Grupo Escolar "Afonso Pena Júnior", recebendo seu "diploma".

As merendas eram variadas. A prefeitura fornecia leite em pó, canjiquinha, macarrão e os alunos traziam de suas casas: café, broas de fubá, bolinhos, angu doce, queijos, biscoitos, melado e frutas como: laranjas, mangas, bananas etc.

No recreio, bolas de meias ou "fruta de lobo" eram jogadas no campinho frente a escola. Meninas brincavam de "pique" nas hortas e de bonecas debaixo dos pés de café.

Com simplicidade, eram crianças muito puras e tinham tarefas específicas dentro da escola: buscar água na bica para encher o filtro, abrir a sala, varrer o ambiente, ajudar distribuir merenda, ajudar o colega atravessar nos brejos, nos rios e faziam tudo espontaneamente só no intuito de ajudar a professora e os colegas.

Monsenhor Eloi também visitava a escola, vinha a cavalo com o sacristão Valdemar e depois passou a vir de Ford Rural Willys. Cobrava das professoras a preparação religiosa e era carinhoso com todas as crianças.

A escola rural seguia o calendário do grupo escolar e alguns modelos de prova vinham prontos, padronizados pelas inspetoras escolares do município.

D. Antônia foi mãe, parceira, guerreira, lutadora, sonhadora, luz para muitas crianças que hoje são homens e mulheres formados, ajustados na família, na sociedade e na vida.

Tempos difíceis, belas ideias, intenso comprometimento e muita dificuldade...

Faço através de D. Antônia, uma homenagem a todas professoras que lutaram em nossa comunidade em prol deste dom "tão divino" da vida, o dom de ensinar. Que em 15 de outubro dia do professor, façamos para estas guerreiras anônimas oração de agradecimento, de carinho, de saudade...

*Maria Elena Caputo de Castro*

### FORMATURA EM SÃO TIAGO

Com muita saudade, remoto ao tempo de estudante, de 1960 a 1970, com as tradicionais festas de formatura... Acontecia em dois momentos distintos, aos 15/16 anos, a "oitava série ginásial" e, por volta de 18/19 anos, o "terceiro colegial".

Era indescritível a ansiedade das famílias com a continuação dos estudos, quando seus filhos terminavam o primário. E agora? Morar fora? Conviver em pensionatos? Casas de parentes? Não continuar? Eram tantos questionamentos.

Então, Monsenhor Eloi, mais uma vez, sensibilizado com os problemas de seu povo, encabeçou juntos a outros, a criação dos cursos de Admissão, Ginásial e Colegial, após muitas lutas tornando assim o estudo mais acessível para todas as classes em nossa cidade.

O mês de dezembro era muito esperado... Monsenhor montava calendário diferenciado possibilitando assim algumas "regalias" aos estudantes em final de curso. Havia necessidade de 'saídas', 'ensaios', 'visitas', 'encontros', etc.

Meados de novembro, um grupo de professores atentos e com os conteúdos terminados, relatórios prontos, boletins confeccionados concedia intervalos

para o planejamento e organização do roteiro da formatura.

Os formandos, orientados pelos professores, montavam uma equipe de formatura para cumprir as mais variadas tarefas: verificar modelos de convites, prazo de gráficas, preços, fotos, escolha de oradores, datas, paraninfos, eleger quais professores seriam homenageados, repassar e treinar com a turma o juramento no dia da colação de grau, escolha de cores para a beca e a toga (colegial), etc... etc... Depois do roteiro organizado das atividades de formatura tudo passava pelo crivo do Monsenhor.

Grupos de 5/6 colegas, em dias de aulas, iam até as cidades vizinhas para comprar sapatos e tecidos para o confeccionar os vestidos para o baile. Em São João del-Rei, as lojas mais visitadas eram as "Pernambucanas e Mundo dos Retalhos". Voltávamos cheias de sonhos e pacotes: rendas, fitas, gregas, tiaras bordadas, linhas coloridas, sedas, broches, braceletes, brincos, sapatos, carteiras, etc.

O ponto alto desta viagem era o "desenho do vestido do baile", feito por estilistas das lojas. Naqueles traços finos, esbeltos estilizados, dos modelos desenhados, nossa imaginação de jovens fadas formandas, enchiam nosso ser de sonhos e encantamento. Em São Tiago, nossas costureiras confeccionavam com esmero e primor, guardando segredo até o grande dia.

Quanto aos cabelos, a época pedia penteados fixados com laquê. Pentear, só no dia do baile, para não estragar. Novamente em grupos, dirigíamos para São João e marcávamos no único salão. Qual era a nossa alegria ao nos ver com a cabeça dentro daquelas 'enormes bacias transparentes', que eram os secadores e nossos cabelos feitos por profissionais; lavados, secados, espichados, enrolados, desfiados, formando mechas sobrepostas terminando em um imenso coque. Lembro-me ainda das colegas do salão: Glória, Erminia, Nanaca, Dulcinéia, Ercília. Voltávamos de ônibus, evitando mexer rápido com a cabeça para não desmanchar o penteado todas com o mesmo estilo.

No dia da colação de grau, o salão paroquial lindamente decorado e iluminado. Professores, pais, amigos e convidados felizes pela nossa conquista. Professores homenageados compoem a mesa, o juramento decorado e ensaiado dezenas de vezes e nosso querido "Monsenhor", no meio da mesa, com microfone, patriotismo e amor, puxando o hasteamento da bandeira, hino nacional. Nossos anéis, com grandes pedras verdes de esmeraldas (símbolo do professor), comprados nos mostruários de "veludo azul" da Sra. Salima Caputo, da Capelinha e no momento certo, Monsenhor benzia entregando aos nossos pais que colocavam em nossos dedos, todos vestidos com melhores trajes para a cerimônia solene.

Perfilados, os formandos adentravam o salão, sobre os olhares curiosos e aplausos da plateia. Tive a felicidade de ser "oradora da turma de 1969", a escrita do discurso passou antes pelo crivo de alguns professores.

Luzes, palmas, bandeiras, músicas, flores, presentes, sorrisos, canudos enrolados, cumprimentos, lágrimas, abraços, fotos, beijos completavam este cenário mágico de nossa primeira colação de grau.

No dia seguinte, o despertar era bem cedo para o tão esperado baile de formatura, na Sede Social Santiaguense. Esmero na ornamentação, música animada, palco iluminado, clube cheio com pessoas em trajes elegantes. Formandos com ternos alinhados, camisas alvas e bem passadas, gravatas vistosas, sapatos novos, cabelos com bonitos cortes e as formandas com belas maquiagens, vestidos longos com siluetas bem marcadas, amplos decotes, lindos broches, camafeus, brincos de strass, meias finas, sandálias com salto 'Luiz XV', penteados emoldurando os rostos, jovens de sorrisos largos e o "famoso anel de professor" no dedo anular.

Neste clima de grande encontro, muita alegria, intensos afagos, duas valsas eram dançadas: valsa dos namorados e dos pais, completando assim esta noite de mil e um encantos.

Com a vinda do sol, pela manhã, terminava nossa noite de glória. Volta a casa, à realidade, com uma certeza: passagem de estudante para professor. Agora... Novos enfrentamentos... Novas batalhas e glórias... Novo porvir...

*Maria Elena Caputo de Castro*

# Pe. MARCIANO GONÇALVES DE SIQUEIRA



Pe. Marciano quando jovem

Foi coadjutor da paróquia de São Tiago no período de outubro/1930 a junho/1931 e vigário econômico no período de 1942 a 1944.

Vigário da paróquia de São Gonçalo do Pará/MG entre 30/04/1947 a 17/01/1948

Autor das obras “Formação da missa através dos tempos” e “Curso de Liturgia”. Adaptou uma apostila litúrgica baseada no livro “El por qué de todas las ceremonias de la Iglesia y sus misterios” (29/06/1976)

Homenageado com a denominação de rua no Conjunto Habitacional Onofre Zacarias Corgozinho, bairro Lagoa dos Buritis, município de Martinho Campos/MG (Lei nº 1241/1991 de 11/03/1991).

Igualmente as homenagens da Comunidade de São Tiago.

## TEXTOS – PE. MARCIANO GONÇALVES SIQUEIRA

### I – SIMBOLOGIA DA VELA

O sentido da vela acesa é muito importante por corresponder a muitos significados. Muito adequadamente a vela representa o homem. O homem (a criatura humana) é um ser resultante da união substancial da alma racional (espiritual) com o corpo (matéria), formado por ela. De maneira que cada alma tem o seu corpo específico.

Portanto, seria impossível a alma de uma pessoa (José, por exemplo) unir-se ao corpo de outra pessoa (Joaquim, por exemplo). Se isso acontecesse a alma do “José” destruiria o corpo do “Joaquim” para alimentar-se dele e daí, por meio do processo digestivo, formaria o seu corpo. Seria uma antropofagia...

É o fio que recebe o fogo (a chama), mas a cera (“corpo”) o sustenta e o condiciona para que nele a chama (a “fé”) se desenvolva. Por outro lado, a cera tem também uma série de qualidades que servem de analogias. Uma delas é que ela é fruto da abelha, que é casta. Ora, quanto mais casta (prática a castidade, segundo o estado) é uma alma, mais ela tem facilidade de admitir as verdades de fé. A impureza (imoralidade) leva as almas para a impiedade!

A chama (o fogo) está sempre tendendo para cima, para o mais alto, como se pode observar. Resiste aos ventos e, se não apagar, eleva-se de novo. O fogo aceso num terreno baixo imediatamente procura subir para o alto das montanhas. Igualmente a Fé. A Fé é a virtude que leva à adesão firme, inabalável, da nossa inteligência às verdades que Deus nos revelou. Por isso, a Fé (viva, operosa, não morta) está sempre elevando a pessoa para o “desejo dos bens celestes”. Ou seja, para aquilo que de mais alto podemos desejar!

**Dessa forma, a vela acesa representa nosso culto, nossas orações e nosso ato de Fé a Deus Nosso Senhor, à Santíssima Virgem, aos Anjos e aos Santos.**

**Acenda agora uma Vela no Oratório da Medalha Mi-**

### lagrosa.

Em qualquer cerimônia litúrgica, acendem-se velas no altar para simbolizar, de um lado, a consumação da criatura diante do Criador, o sacrifício de Cristo em substituição à humanidade; e de outro lado, porque é Cristo que está se sacrificando, ele que é a «Luz do mundo». A Igreja, a exemplo de seu fundador, que usou objetos materiais (pão, vinho, água, óleo) para significar realidades imateriais, usa também materiais para esse fim (velas, incenso, imagens, etc.); nossa natureza, que é uma composição de matéria e de espírito, o requer. Não sendo o homem “nem anjo nem simples animal” ele só consegue alcançar o espiritual e o sobrenatural por intermédio do sensível e do natural.

### II – SÍMBOLO DE CONSUMAÇÃO

Deus é nosso Criador e nós, suas criaturas. Quer dizer que tudo o que somos e tudo o que temos nos foi dado de graça por Deus. Por conseguinte, seu poder sobre nós é absoluto e seus direitos ilimitados. Pode até exigir a nossa própria vida em sacrifício. Deus pediu a Abraão que lhe sacrificasse Isaac, seu filho único. Abraão obedeceu. No instante em que ia descer o cutelo para matar o filho em cima da fogueira, um Anjo reteve a sua mão. E substituiu Isaac por um carneiro (Gn 22). Deus mostrava, assim, que os sacrifícios humanos não são agradáveis a seus olhos; apenas quis pôr à prova a fidelidade e a obediência de seu servo. É o que acontece, muitas vezes, com cada um de nós.

Na história da humanidade houve um só sacrifício de seu próprio Filho feito homem, nosso Senhor Jesus Cristo, na cruz, para a salvação e a redenção do gênero humano. Esse sacrifício continua renovando-se misticamente, de modo in-cruento, na santa Missa.

**Que relação pode haver entre um sacrifício e uma vela**

### acesa?

A vela acesa substitui, diante de Deus, a pessoa que a acende: consome como se fosse um holocausto oferecido a Deus. O holocausto era, na Antiguidade e na lei mosaica, o sacrifício mais perfeito, porque por ele a vítima era oferecida a Deus e queimada por inteiro em reconhecimento a seu poder e direito absolutos sobre quem a oferecia. **A vela acesa é um holocausto em miniatura.** A pessoa adquire a vela, que passa a lhe pertencer. Acende-a para ser consumida, em seu lugar.

Uma vela acesa a Deus simboliza, portanto, a adoração e a submissão total de quem a acende ao Deus Todo Poderoso, Senhor e Criador de todos os seres. **Uma vela acesa para Nossa Senhora ou para um santo tem o mesmo simbolismo, só que este sacrifício é oferecido a Deus por intermédio de Nossa Senhora e/ou daquele santo.** Evidentemente não tem o mesmo valor do sacrifício eucarístico, cujo valor é infinito, visto que por ele é o próprio Homem-Deus que se oferece a seu Pai.

Vela acesa é, pois, símbolo de consumação.

## III – SÍMBOLO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, LUZ DO MUNDO

A vela acesa tem também outro simbolismo. Irradiando luz, simboliza Cristo «Luz do mundo», conforme ele próprio se designou. Por isso, nos ofícios litúrgicos, usam-se frequentemente velas acesas, sobretudo durante a semana santa e o tempo pascal. Mas o “dia da luz” é o sábado santo, na Vigília da Páscoa (muitas vezes também chamado de Sábado da Luz).

Nele procede-se à bênção solene da luz: o sacerdote benze, atrás do altar, uma vela acesa e, depois, de frente para os fiéis, convida-os a acender dessa vela benta, suas velas, dizendo: «A luz de Cristo ilumina a todos!... Bendito seja o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que ilumina e santifica nossas almas». E com as velas acesas faz-se uma procissão dentro da igreja, ao canto de Salmos.

No domingo da Páscoa, ao iniciar a cerimônia da entrada triunfal de Cristo, que precede a liturgia da ressurreição, o sacerdote, segurando o círio pascal aceso, convida os presentes a acender dele os seus círios, dizendo: “Vinde, tomai luz da Luz sem ocaso, e glorificai a Cristo que ressuscita dos mortos”. E todos saem da igreja em procissão com velas acesas, para o anúncio da ressurreição de Cristo, pela leitura do evangelho próprio e o canto do hino da ressurreição: «Cristo ressuscitou dos mortos; venceu a morte pela morte, e aos que estão nos túmulos Cristo deu a Vida».

Depois, o celebrante bate na porta fechada, exigindo sua abertura e entra primeiro, seguido dos fiéis, sempre com velas acesas, ao canto do Cântico da Ressurreição. Nesse caso Nosso Senhor Jesus Cristo, ressuscitado, representa a luz sem ocaso.

Esse simbolismo, encontramos-lo também no sacramento do batismo, chamado também sacramento da iluminação. Depois de batizar a criança – que passa, assim, das trevas do pecado para a luz da graça –, o sacerdote manda acender as

velas que os presentes seguram na mão e proclama: «Bendito seja Deus que ilumina e santifica todo homem que vem a este mundo».

## IV – VELAS – SIGNIFICADOS ESPECIAIS

**Cada vela contém três partes: a cera, o pavio e o fogo, simbolizando as três Pessoas da Santíssima Trindade. A cera simboliza o Pai; o pavio, o Filho; e o fogo, o Espírito Santo.**

A vela sozinha, acesa, simboliza Cristo Nosso Senhor: a cera, a sua Carne; o fogo, a Divindade. As duas velas – recomendadas pelo ritual romano para a celebração da santa missa – têm sua origem no Antigo Testamento, quando o Rei Salomão fez dois castiçais de ouro e os pôs no altar do templo, um de cada lado (Êxodo, capítulo 25). Desde então foi prefigura para a Lei da Graça, porque Cristo, na noite da Santa Ceia, também dispôs as luzes para este sacrifício.

É tradição apostólica não celebrar sem o crucifixo. Coloca-se a cruz no meio do altar entre dois castiçais, porque significam o povo gentio e o povo judeu, dos quais Nosso Senhor foi mediador.

O fogo simboliza a Fé. Simboliza também a alegria dos povos no nascimento do Senhor. Também simboliza Cristo, que disse: “Eu sou a luz do mundo”. A Missa é para iluminar, e os ministros são iluminados. A luz dos castiçais simboliza a fé do povo. Foi o Papa Melquíades quem mandou usar dois castiçais. Ele governou a Igreja de 311 a 314. Muitas velas na Missa simbolizam a Fé dos assistentes.

**Acendem-se velas — diz Santo Agostinho em seus sermões — “para Cristo acender, em nossos corações, o fogo de sua ardente caridade e amor, porque, por amar-nos tanto, padeceu até morrer na cruz”.**

*(Fonte: Curso de Liturgia – Pe. Marciano Gonçalves Siqueira)*

Digne-se conceder a salvação também a nós – por intermédio da Virgem Misericordiosa – Aquelle que é bendito pelos séculos dos séculos. Amém.”

Fontes:- “Sermões de Santo Antonio” – Ed. Messaggero – Padova, 1979 – Volume III.

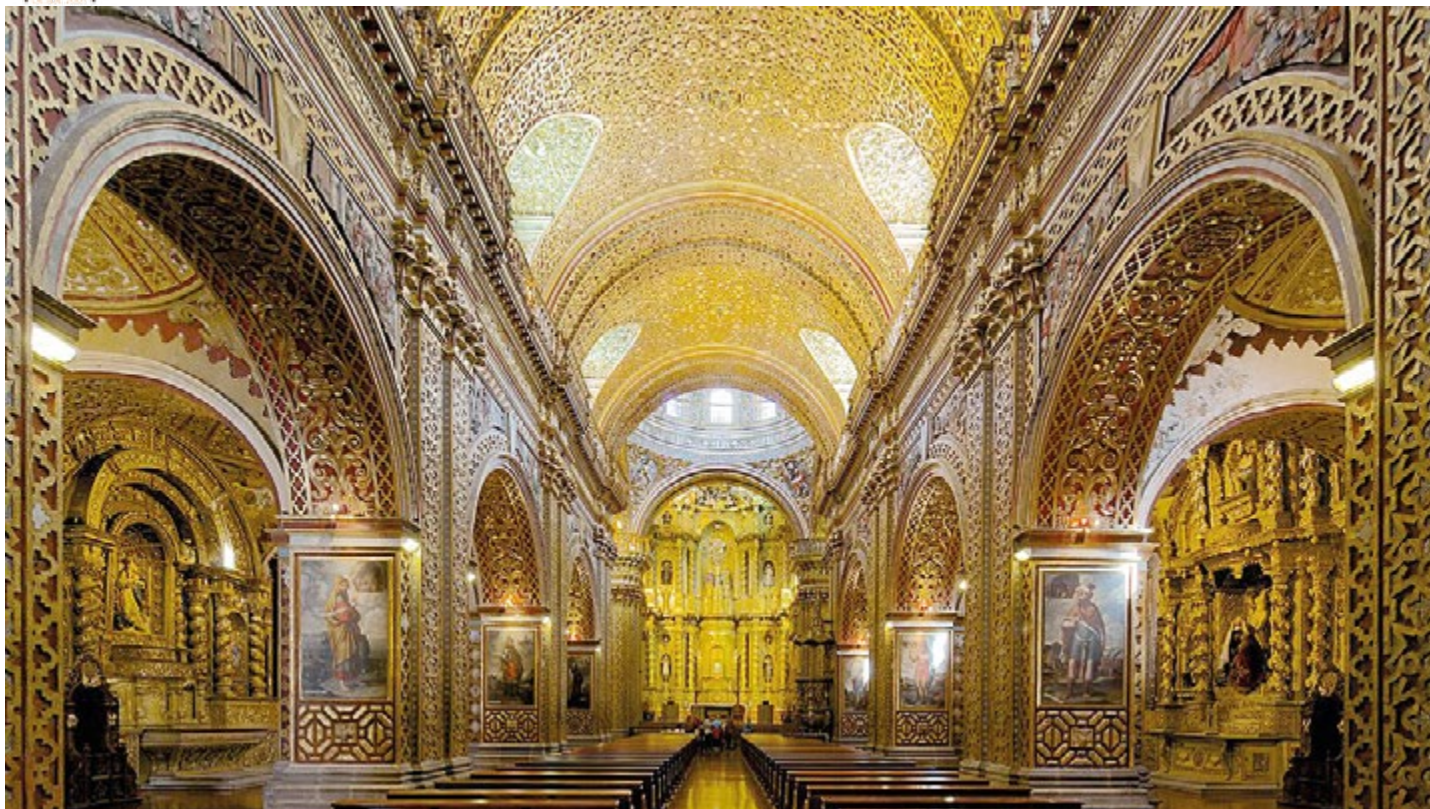
– “Teologia Orante na Liturgia do Oriente” – Editora Ave Maria – 1998)

– “Curso de Liturgia” – Pe. João Batista Reus, S. J.

– “Formação da Missa através do tempo” – Padre Marciano Gonçalves Siqueira



Pe. Marciano quando idoso



## Riqueza simbólica nas igrejas

Publicado em 4 de novembro de 2009

Adaptado da apostila composta pelo Pe. Marciano Gonçalves Siqueira (Belo Horizonte, 29/6/1976), baseado no livro “El por qué de todas las ceremonias de la Iglesia y sus misterios”.

Diz Durando: “Os templos ou igrejas são símbolo ou figuras do corpo humano; e assim como este, em cada parte, representa um prodígio, uma maravilha de seu Criador, na igreja cada parte representa um prodígio, porque não há, nela coisa alguma em que não se inclua um profundíssimo mistério” (livro I, cap. I).

O alta mor é a cabeça, os laterais são os braços e suas mãos. O resto da igreja é o corpo. A igreja tem 4 dimensões: longitude, latitude, altitude e profundidade. Essas quatro dimensões simbolizam os quatro evangelistas. Também simbolizam as virtudes cardeais: prudência, justiça, temperança e fortaleza, e ainda a paciência, a caridade, a esperança e a humildade, virtudes que Deus muito aprecia.

Quem mandou edificar a igreja mais comprida do que larga foi o Papa São Clemente. A nave simboliza a caridade que se estende até o amor aos inimigos. A porta da igreja simboliza Nosso Senhor Jesus Cristo que disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Eu sou a porta... Ninguém se salvará se não entrar por esta porta. Esta também simboliza a obediência aos Mandamentos, que são a porta da vida eterna.

O assoalho simboliza a humildade, como também os pobres de espírito e os que desprezam o mundo, os que trabalham para



a manutenção da Igreja, seus ministros e todos os fiéis que cuidam dela varrendo, tirando o pó dos altares, adornando as paredes etc. Porque todos estes são os assoalhos da igreja por sua humildade, devoção, amor e zelo.

As paredes e colunas da igreja simbolizam os apóstolos, evangelistas e doutores. Também simbolizam o belo exército dos inumeráveis mártires. O teto simboliza a caridade, porque assim como o teto cobre todo o edifício material, assim a caridade oculta e encobre tudo. São Paulo a considera a maior de todas as virtudes: “Nunc manent fides, spes et charitas; horum autem major charitas est”. O livro dos Provérbios diz que ela enco-

bre uma multidão de pecados (cap. X). São Pedro diz o mesmo (1ª, cap IV). Ela abre a porta do Céu.

Os cravos, ferros, madeiras e vigas da igreja, simbolizam e significam os confessores, pregadores e serventes da igreja, porque eles “com sua união, zelo e caridade conservam o edifício da Igreja espiritual”, diz Titelman. As vigas simbolizam os religiosos, os varões virtuosos e justos, porque com sua vida exemplar a sustentam e conservam.

A arquitetura e beleza exterior da igreja simboliza os pregadores, porque “com sua doutrina e ensino, ilustram, adornam e





embelezam a Igreja” (Durando). As janelas, quando nelas o Sol não bate, simbolizam o Evangelho puro, sem comentário. Quando nelas o Sol bate, simbolizam o Evangelho comentado.

A torre simboliza os Bispos e pregadores, porque são eles a torre que defende a Igreja militante com seu zelo e sua doutrina, e se faz a mesma Igreja torre inexpugnável por sua constância e fortaleza. O capitel da torre “representa a vida e o entendimento do Bispo”, diz Durando, porque o Bispo tem de que ser “irrepreensível”, diz São Paulo, escrevendo a Timóteo (cap. III). A torre está sob a cruz, denotando ser a casa e palácio de Nosso Senhor Jesus Cristo. Antigamente era costume pôr um galo na torre, símbolo do prelado e do pregador. Em torno de uma vareta, girava para todos os lados quando o vento a tocava, simbolizando o Papa, o Bispo e o vigário que devem olhar para os quatro pontos cardeais do mundo, da diocese ou da paróquia, para verem de que lado o lobo (o demônio) vem para atacar as ovelhas do Senhor, e eles as defenderem.

A palavra sacristia vem de “sacris” e “todia”. É o lugar onde se guardam e conservam as vestimentas sagradas, todos os vasos e ornamentos necessários ao culto divino. Chama-se “sacris” porque o sacerdote sai dela para celebrar, vestido com as vestimentas sagradas. Das sacristias houve figura na lei de Moisés. Nesta havia um lugar da vítima ou sacrifício e outro onde se guardavam as vestimentas do sumo sacerdote.

A sacristia simboliza “o ventre da Virgem Maria onde o Verbo Divino tomou a natureza humana (S. Paulo aos Filipenses, cap. IV, e Durando, livro I, cap. I, nº 43). O sacerdote saindo da sacristia paramentado publicamente, simboliza o Senhor nascendo de Maria Santíssima para remir a humanidade.

O relógio na igreja ou na torre simboliza o cuidado e diligência que os ministros devem ter nas orações das horas canônicas, fazendo o nas horas marcadas, como diz Durando (ubi supra, nº 15). Isto David simbolizou dizendo: “Sete vezes, Senhor, eu disse ou cantei vossos louvores” (Salmos C XVIII).

Também simboliza o cuidado que Maria Santíssima teve durante a vida com seu Divino Filho. Escutar o toque do relógio simboliza a brevidade da vida, a transitoriedade deste mundo e a inconstância de nosso ser, de um minuto a outro. O mesmo significado têm as cordas, rodas, movimento, e as outras partes que o compõem.

O púlpito tem sua origem no que Salomão, no Antigo Testa-



mento, pôs no templo que ele edificou para o Senhor (2, Paralipomeno, cap. VI) na forma de um círculo, feito com metal, com o pé de coluna. O mesmo se lê em Esdras (II, cap. VIII), que fez um com escada de madeira, em que subia para falar ao povo publicamente, por ser o lugar mais alto. Na Lei Evangélica prosseguiu o costume de pregar de lugar mais elevado. Assim o Senhor ensinou subindo ao alto da montanha para pregar.

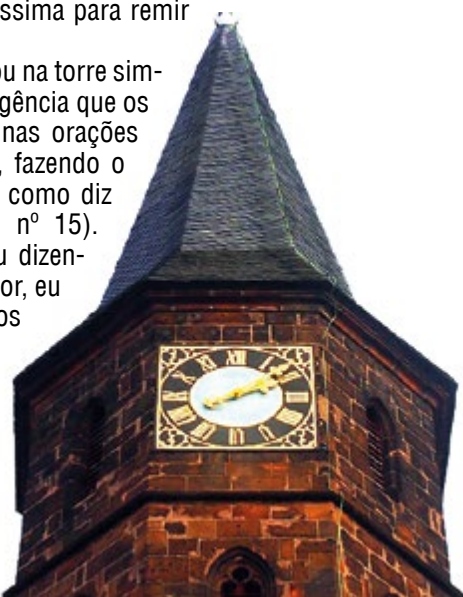
O púlpito simboliza a sacerdotia; por isso se chama cátedra do Espírito Santo. Simboliza também a luz, por ser o lugar donde se declara e se explica o Evangelho. Durando diz que está em lugar mais alto por simbolizar “a vida dos perfeitos no exercício de suas virtudes” (ubi supra, nº 33). Está na nave principal da igreja, e no meio dela, para todos ouvirem igualmente a doutrina do Evangelho, pois não ignorar a doutrina é meio necessário para ir para o Céu.

Presbitério era, antigamente, o lugar em que os sacerdotes se juntavam para cantar o ofício divino. É a mesma coisa que coro. Hoje só se juntam com o Bispo, na Quinta Feira Santa, para a bênção dos santos óleos. No passado, em certos dias de festa, o Papa ia à basílica de São João de Latrão e, pondo-se no presbitério como lugar próprio, dava grandes esmolas aos cardeais, clero, senado e ao povo romano, como consta que fizeram Bonifácio V, Eugênio I e Clemente III. Estas esmolas chamavam-se donativos ou esmolas presbiteriais. Daqui veio a chamar-se presbitério.

A credência é o lugar em que se põem os vasos sagrados necessários para a Missa. Antigamente havia um guarda ou zelador encarregado de evitar a aproximação de qualquer pessoa deste lugar privilegiado. Chamava-se credenciário. Simboliza ter Nosso Senhor voluntariamente morrido para salvar a humanidade.

Os assentos na igreja têm sua origem no templo de Salomão, quando mandou fazer aquele reclinatório de ouro, diz Durando (livro I, nº 30). Na Lei Evangélica, começaram no tempo de São Clemente. Os assentos e reclinatórios simbolizam a Fé formada, embelezada pela caridade. Também simbolizam os justos e fiéis que estão adornados com a fé e a caridade.

Zelem os sacerdotes pelo silêncio nas igrejas. Desta falta de silêncio os sacerdotes darão contas estreitas a Deus. Exijam-no, sem distinção de pessoas.



# Aplausos aos nossos professores

Desde o início da pandemia e das exigências para o distanciamento e isolamento social, necessários devido ao novo coronavírus, inúmeros segmentos tiveram que ser interrompidos e outros modificados no seu funcionamento. Com a urgência da continuidade das atividades escolares, os setores da educação tiveram que se



Prof. Rubens Caixeta - Patos de Minas

organizar e implementar maneiras para que o ensino não ficasse interrompido e, conseqüentemente, para que não houvesse um impacto maior no desenvolvimento escolar de crianças e jovens. Sendo impossível levar a sala de aula em cada lar foi oportuno a adoção de vários recursos tecnológicos para aplicabilidade do conteúdo de cada disciplina e/ou área do conhecimento. Além de repassar o conteúdo havia a necessidade de se comunicarem, interagir, promover uma avaliação mesmo estando a distância. Assim o ensino remoto passou a ser segmento fundamental para o desenvolvimento da Educação Básica. O Ensino remoto é um tipo de ensino caracterizado como transmissão em tempo real das aulas diretamente de espaços escolares ou mesmo pelas casas dos professores, em horários habituais onde todos se dispõem para acompanhar o programa de curso e as atividades. Não houve um período experimental do método, porém logo foi colocado de uma vez na prática com organização de teleaulas, vídeos-aulas, rádio-aulas, web-aulas. Tudo foi necessário para se adequar aos recursos tecnológicos de acordo com a situação da maioria do alunado deste imenso Brasil.



Profª. Cleusa Vargas - Guaruva/SC

A rotina de vários educadores se transformou num estúdio de aulas ao vivo, roteiros e gravação de aulas normais e complementares para ajudar no aprofundamento dos conteúdos e, ainda, converter todo esse conhecimento para disseminar em mídias e aplicativos (Google Classroom, Meet, Hangout, Skype, Zoom, WhatsApp). Outros professores que não atingia os alunos por meio da internet tiveram que seguir para canais de rádio e TV aberta para que pudessem atingir a todos. Existem situações e situações pelo nosso Brasilão.



Prof. Telmo Ribeiro - Raposa Serra do Sol/RR

Alunos com acesso à internet, sem acesso, condições de vida que não possui nenhum recurso tecnológico, às vezes, até a dificuldade para receber o material impresso e depois dar devolutiva de tudo.



Profª. Izabela Assis - São Tiago/MG

Houve estados/municípios que fizeram transmissão por canais de televisão, porém outros não tiveram. Professores se adaptaram gravando aulas, indo às rádios, transmitindo ao vivo, fazendo lives pelos aplicativos, redes sociais, preparando material complementar ao planejamento, corrigindo atividades. Além de participar de reuniões on-line da escola com direção e coordenadores pedagógicos, fazendo cursos capacitação para o ensino remoto, uso e atualização nos recursos tecnológicos para aplicar na educação. Jornada grande de trabalho em casa quase que dupla, tripla. Uma luta para atender a todos com ou sem recursos. Em regiões carentes e de menos poder aquisitivo, professores imprimindo atividades levando aos seus alunos a pé, de carro, de moto, de canoa, a cavalo. E tantas outras iniciativas louváveis para que seus alunos não ficassem sem aprender, além de dar um apoio a tantos que ficaram impactados com essa doença que amedronta o mundo; sendo presença, mesmo que de forma diferente a distância. Como não se orgulhar daqueles que não medem esforços para levar o conhecimento?

É professor fazendo varal de fora da sua casa com sacolinhas nominais das atividades da semana, do mês... Doando material feito com recursos próprios. Outros levando material em locais onde não há estrada, indo à canoa, de barco, enfrentando água até o pescoço. Somente aqueles que são vocacionados ao magistério se desdobram dessa maneira para atender a seus diletos alunos.



Profª. Vera Borges - Vacaria/RS

E hoje? Ainda é uma profissão pouco valorizada, mas que forma todas as outras. Enfrentam tantas situações. Precisamos repensar e valorizar os nossos mestres, nossos guerreiros. A educação transforma o mundo e possibilita que histórias sejam transformadas e re/escritas. Valorizemos e reconhecemos nossos educadores, pois sem eles a educação não acontece. Salve 15 de outubro – Viva nossos Professores!

Marcus Santiago  
Membro do IHGST/ALSJDR

Parabenizamos a Prof.<sup>a</sup> Elizabeth Márcia dos Santos, nossa conterrânea, reconhecida educadora, por sua dissertação de mestrado ao Programa de Pós graduação em História da Universidade Federal de São João del Rei com o tema “Resistência Escrava: as fugas dos escravos na Comarca do Rio das Mortes 1871 – 1888”.

A brilhante dissertação – fruto de exaustivas pesquisas documentais e longas entrevistas e documentários orais – foi apresentada e aprovada com louvor pela banca examinadora em data de 25/06/2020, tendo como orientador o professor Afonso de Alencastro Graça Filho.

O trabalho, como consta no resumo “ tem como objetivo desvendar a história de homens e mulheres escravizados que afrontaram o sistema escravista e o poder senhorial ao fugirem”, debruçando-se a autora, inclusive, sobre rumorosos crimes em nosso meio – ainda hoje vivos na memória regional – como o assassinato do senhor de escravos Romualdo Gomes de Moraes, em 1873 na Fazenda do Retiro (Mato Dentro).

Fato importante e desabonador – de nossa história, porquanto os proprietários rurais de nossa região, dentre estes – Conceição

da Barra de Minas, Ritópolis, São Tiago, Resende Costa – mesmo nos estertores do final da escravidão agarraram-se de unhas e dentes ao projeto escravista. De um lado, uma proposta produtiva de nossas fazendas (exportadoras/abastecedoras de produção agropastoril para toda a Corte) e por outro lado uma mentalidade sumamente conservadora, arraigada ao escravismo por parte de nossos latifundiários e ancestrais. Assunto inquietante e tratado por vários historiadores de nossa região.

Que exemplos como o da relevada Prof.<sup>a</sup> Beth estimulem nossos jovens à pesquisa sobre temas de nossa comunidade e região.

Conforme sempre frisamos, dispomos de riquíssimo acervo histórico cultural, à espera tão somente de pesquisadores e admiradores da memória regional.



# GENERAL PATTON - UM MITO MILITAR

O famoso general americano George Smith Patton, nascido em 11/11/1885, descendia de uma longa linhagem de militares, tendo seus antepassados lutado desde a Guerra de Independência e a Guerra Civil. Foi Patton um guerreiro e estrategista nato, um dos maiores oficiais, talvez o mais temido dentre todos, sem dúvida o maior mito militar da 2ª Guerra Mundial. Graduou-se na Academia Militar de West Point em 1909. Desde criança, era tido como inteligente, vocacionado e versado em história e literatura militar clássica. Serviu no Corpo de Tanques durante a 1ª Guerra Mundial, tornando-se assim um entusiástico defensor da “guerra de tanques”.

Audacioso, durante a 2ª Guerra Mundial, lutou no norte da África e como comandante do 7º Exército Americano, capturou Palermo, na Sicília. Em 1944, já no comando do 3º Exército, invadiu boa parte do norte da França, sempre agindo com ousadia. Lideraria algumas das mais importantes operações militares das tropas aliadas no front ocidental. Um dos mais bem sucedidos comandantes militares em combate que se conhece até os dias atuais, como também um dos mais polêmicos e excêntricos generais da história. Faleceu aos 21/12/1945, vítima de acidente automobilístico, tendo milhares e milhares de soldados se oferecido para carregar seu corpo.

Reencarnacionista, dizia ter lutado em Tróia, ter sido legionário de Júlio César nas guerras gaulesas contra Vercingetórix, de ter sido o famoso general cartaginês Anibal, além de participar das guerras napoleônicas. Falava francês, escrevia poesias, desenhava seus próprios uniformes e usava uma pistola Colt 45 com cabo revestido em marfim e as iniciais de seu nome gravadas em preto.

Genial, extravagante, polêmico, personagem das mais intrigantes do século XX. Uma figura diferenciada de líder, um comandante de homens, de palavras e batalhas, apreciava fazer discursos motivadores e em termos fortes para suas tropas. Linguagem rude, direta, que injetavam disciplina e motivação em seus soldados. Seus discursos e estratégias tornaram-se famosas, o general mais lembrado da II Guerra por seu forte instinto de guerreiro, além de pensador livre que expressava sempre - abertamente e sem papas na língua - seus pontos de vista.

Patriota, anticomunista ferrenho, cristão convicto, ganharia ampla notoriedade ao cruzar a Europa em velocidade espantosa, percorrendo 2 mil quilômetros e reconquistando 200 mil quilômetros então em poder do Exército alemão. Seus homens libertaram 12 mil cidades e povoados, fizeram 1,3 milhão de prisioneiros, deixaram 386 mil feridos e 150 mil mortos. Tinha o hábito de usar capacete bem polido e de trajar calças de equitação e botas de cavalaria com cano alto. Era disléxico, tendo dificuldades para fixar letras e imagens. Por vezes colérico, havendo registros de ter surrado soldados (há um caso registrado) que alegavam pânico ou disfunções emocionais e histéricas para não combater. Cognominado de “Old blood and guts” (sangue velho e entranhas) ou “bode velho”, serve ainda hoje de líder motivador e inspirador para comandantes militares, consultores e chefes de empresas.

O filme “Patton” (1970), dirigido por Franklin J. Schaffner e estrelado por George C. Scott, ganhou três estatuetas do Oscar, tornando-se, ademais, referência de motivação organizacional para cursos, livros, consultorias.



## ALGUMAS DE SUAS FAMOSAS FRASES:

- O objetivo da guerra não é morrer pelo seu país, mas fazer o seu inimigo morrer pelo dele
- Quanto mais você sua no treinamento, menos sangra no campo de batalha
- A pressão faz diamantes
- Sucesso é o impulso com que você pula depois que bateu no fundo
- Se aceitarmos a definição consagrada de coragem como qualidade de não conhecer o medo, então nunca vi um homem corajoso
- Nunca diga às pessoas como fazer as coisas. Diga-lhes o que deve ser feito e elas surpreenderão você com sua engenhosidade.
- Nunca aceite seus medos como conselheiros
- Quando quero que meus homens se lembrem de alguma coisa importante, capricho nos palavrões. Pode não soar bem entre um grupo de velhinhas, mas ajuda meus soldados.
- Há três maneiras pelas quais os homens conseguem o que querem: planejando, trabalhando e orando.
- Nunca dê uma ordem que não pode ser executada
- Prepare-se para tomar decisões. Essa é a qualidade mais importante em um bom líder.
- Se todo mundo está pensando igual, então tem gente que não está pensando em nada.
- As guerras podem ser travadas com armas, mas são ganhas por homens. É o espírito do homem liderado e o espírito do líder que levam à vitória.



## OS TRES ENSINAMENTOS TEXTO DE RUMI

Certo homem capturou um passarinho em uma armadilha e quando se aproximou, a ave lhe disse:

- Você já comeu muitas vacas e carneiros em sua vida e mesmo assim continua com fome. O pouquinho de carne que há em meus ossos também não irá satisfazê-lo. Se me deixar partir, eu lhe darei três sábios ensinamentos. O primeiro eu recitarei quando estiver em pé na sua mão; o segundo cantarei do seu telhado e o terceiro eu direi do alto daquela árvore.

Interessado, o homem soltou o pássaro e permitiu que pousasse em sua mão.

- Número um: nunca acredite em absurdos, não importa quem os diga.

O pássaro voou e pousou no telhado da casa.

- Número dois: não lamente o que já sucedeu. O que passou, passou. Nunca deplore as coisas que aconteceram. E, por falar nisso, há dentro do meu corpo uma pérola imensa que pesa tanto quanto dez moedas de cobre. Estava destinada a ser uma herança para sua família, mas agora está perdida. Você poderia ter sido dono dessa valiosa perola, mas evidentemente isso não era para acontecer.

O homem começou a chorar qual uma mulher em trabalho de

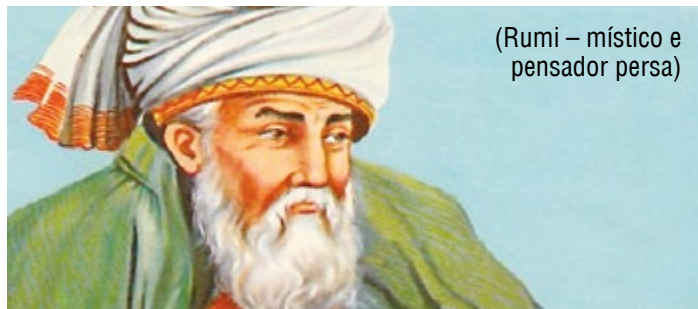
parto, mas o pássaro o interrompeu:

- Eu não acabei de dizer “não lamente o que passou” ? E também “nunca acredite em absurdos” ? Meu corpo inteiro não pesa tanto quanto dez moedas de cobre. Como eu poderia ter uma pérola tão pesada dentro de mim ?

O homem caiu em si.

- É verdade. Diga-me agora o número três.

- Pois não. Afinal, você aproveitou tão bem os outros dois... Não dê conselhos a alguém que está grogue e caindo de sono. Não lance sementes na areia. Alguns rasgos não podem ser remendados.



(Rumi – místico e pensador persa)

## OS TRÊS DUCADOS QUE FALTAVAM

Isso se passou, há muito tempo, às portas da boa cidade de Toulouse. Um sol radioso iluminava o céu fazendo cantar até os tijolos da rósea cidade. E um cortejo colorido faz a sua entrada pela grande porta: o Rei René vinha apresentar aos súditos a bela Aude, sua futura esposa.

O cortejo chega à Praça do Capitólio cercada por pessoas em regozijo; de súbito, levantando os olhos, a princesinha solta um grito. No patíbulo, situado num canto da praça, o carrasco se prepara para enrolar a corda no pescoço de um homem de aparência pobre, sem dúvida algum indigente, que, um dia, acabaria mesmo na forca...

- Oh! - suplica a bela Aude. Não poderíamos conceder-lhe a graça num dia festivo como esse ?

- Não o podemos, princesa – respondem-lhe os magistrados. Ele cometeu um crime sem perdão!

- Mas pode tal crime existir ? Não haverá algum meio para sua absolvição a que possamos recorrer ?

- Princesa, a lei prevê que podemos resgatá-lo mediante a soma de mil ducados!

- Mas como esse pobre diabo poderia reunir tal soma ? - queixa-se a jovem noiva

Ela se vira para o cortejo e para os que a acompanham. De sua bolsa, o rei tira 500 ducados. A rainha contribui com 200. Os senhores, procurando nos bolsos, fazem ressoar moedas na esmoleira. Vitória! Conseguem-se 997 ducados!

- Senhores, por 997 ducados, poderíeis vos dignar?

- Infelizmente, não, princesa. A lei é a lei...Faltam três ducados...

- Por três ducados, ides enforcá-lo? Mas procurai nos bolsos do pobre homem; mão poderia ele tê-los ?

E, no bolso do condenado, encontram-se os três ducados que faltavam! Ele se salva!

(Da Tradição Cristã Medieval)



## ALGUNS CONCEITOS DE ELISABETH KUBLER ROSS

### PRESENTES QUE ME FORAM DADOS PELOS PACIENTES:

1. Além das drogas, além do tratamento com eletrochoque, além da ciência da medicina, é com amor e atenção verdadeiros que se pode ajudar e recuperar muitas e muitas pessoas.

O conhecimento sozinho não ajuda ninguém. O uso da cabeça, do coração e da alma é quem ajuda o ser humano. Todo ser humano tem um propósito e ao ser ajudado, ao aprender conosco, se torna nosso mestre.

2. A linguagem simbólica universal que todas as pessoas, que sofrem, usam quando estão em crise. Esquizofrênicos, psicóticos, crianças pequenas, doentes terminais, todos têm uma linguagem

simbólica não verbal e que necessita ser entendida, respeitada.

3. Precisamos aprender a: a) reservar um tempo para as (nossas) coisas essenciais; b) ouvir o próximo, escutar o que ele tem a dizer de essencial; c) ter humildade, abrir um espaço para a comunicação, para, - se não entendermos o que nos dizem – perguntar: “Não consigo entender o que você está dizendo. Você poderia se expressar de outra maneira ?!”

(Do livro “O túnel e a luz”, Ed.Verus, Campinas/SP, 4ª ed., 2003)

